Para a história de um texto e de uma fonte das Crónicas de Fr. Marcos de Lisboa: o Floreto – ou os «Floretos»? – de S. Francisco

«Siempre en las cosas dificultosas aún que me parece que lo entiendo y que digo verdad, voy con este lenguaje de que me parece...»
Santa Teresa, *Moradas*, V, 1

À memória do querido P. Fr. José Martí Mayor, O. F. M.,
douto *transcriptor* do *Floreto* de seu Pai, S. Francisco.

I – Permitam-me que nesta comunicação – que, dadas as circunstâncias, pouco mais poderá ser que um resumo do estado da questão, ainda que aproveite para tentar ensaiar, no sentido etimológico do termo, alguma hipótese – comece por afirmar que as *Chronicas da ordem dos frades menores...* (Primeira parte, Lisboa, 1557; Segunda parte, Lisboa, 1562; Tercera parte, Salamanca, 1570) de Fr. Marcos de Lisboa são, tanto quanto sei, o primeiro projecto de uma crónica geral franciscana que logrou ser integral e imediatamente publicado, já que as tentativas anteriores ficaram, durante muito tempo, inéditas – e algumas, ainda assim, talvez, se encontrem –, apesar de, como diz o próprio Fr. Marcos, ser esse tipo de obra «notavelmente apetecido». E, para além disso, não deixa de ser curioso – e, no quadro geral do franciscanismo observante dos meados do século XVI, um tanto estranho – que tal projecto tenha sido iniciado e largamente desenvolvido sob a égide do português Fr. André da Ínsua, ministro geral dos franciscanos observantes entre 1547 e 1553 – e realizado por outro português – Fr. Marcos de Betânia, como, por esses dias, ainda se chamaria o que depois veio a ser Marcos de Lisboa¹ – e em português..., numa aplicação a uma empresa não

¹ Gaspar BARREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Porrio Catam de originibus, em Beraso Chaldaeorum em Manethon Aegyptio e em Q. Fabio Pictor Romano*, Coimbra, João Álvares, 1561, na dedicatória ainda assim o chama: «Ao muito reverendo padre Frey Marcos de Bethania, mestre em sancta Theologia, da Seraphica ordem dos menores..., saude em o Senhor».

propriamente nacional, de uma regra – a escrita em vulgar – que imperava na historiografia dos seus dias. Independentemente dessa utilização de uma língua vulgar – e, para mais, de difusão muito restrita – e em obra nem apenas destinada a um público português nem visando um assunto pátrio, Fr. Marcos acabou por sentir as limitações da sua língua materna como veículo difusor do seu trabalho e, por isso, terminará optando pelo castelhano a partir de 1570, língua que, como rezam as aclarações de quase todas as edições não portuguesas – que, curiosamente, são as mais abundantes – facilitou a tradução para italiano e para as outras línguas. De qualquer modo, as suas *Chronicas* vieram a tornar-se num projecto europeu de larga audiência, como atestam as cerca de cem edições que obteve até ao século XIX².

Para além da formação universitária de Fr. Marcos – estudou no colégio franciscano de S. Boaventura em Coimbra, onde se teria tornado «perito» na língua latina e «douto» na grega e na hebraica³, informações de difícil controlo e, talvez, decorrentes de um modelar elogio retórico, pois já tem sido dito, a propósito do seu interessante *De disciplina christiana*, que o seu latim «está muito abaixo dos grandes humanistas da sua época»⁴ –, o que, desde o ponto de vista que aqui nos importa considerar é o facto de ter começado a sua magna obra baseado em informação documental muito restrita, circunstância que não pode deixar de ser motivo de admiração. Verdadeiramente, ao começar, Fr. Marcos, sobre S. Francisco e os seus companheiros e Santa Clara, que constituem os centros da «Primeira parte» das *Chronicas*, impresso, pouco mais conhecia que a *Legenda Maior* (traduzida e impressa desde 1477, pelo menos, em Milão⁵) de S. Boaventura

2 Francisco Leite de FÁRIA, *Fr. Marcos de Lisboa, c. 1511-1591 e as muitas edições das suas "Crónicas da Ordem de S. Francisco"* in *Revista da Biblioteca Nacional*, S.2. 6 (1991), 85-106, preciosas indicações que há que completar com outras buscas bibliográficas: Diego CICCARELLI, *La circolazione libraria tra i francescani di Sicilia*, Palermo, 1990, permite aumentar o número de edições recensadas pelo benemérito investigador capuchinho. Conjugando estas fontes e uma pesquisa em algumas bibliotecas espanholas e italianas, na edição anastática das três partes das *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, reproduzidas pela edição de 1615 (Lisboa), e publicada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, 2001), sob a responsabilidade do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da mesma Universidade (C. I. U. H. E.), procuramos dar, ainda que com alguma anomalia técnica, uma listagem das edições da obra de Fr. Marcos ultimamente conhecidas. Citaremos sempre por esta edição, cujo texto reproduz fielmente o texto das primeiras edições, salvo a supressão da tradução de algumas das laudes de Jacopone da Todí no final da «Segunda parte», por estas terem sido, entretanto, «completamente» editadas (Lisboa, 1576) por iniciativa do cronista franciscano.

3 Fernando da SOLEDADE, *Historia Seráfica da ordem dos frades menores de S. Francisco da provincia de Portugal, Quinta Parte*, Lisboa, Off. de Antonio Pedroso Galtram, 1721. IV, 3, 13. 209-305.

4 Mário MARTINS, *Fr. Marcos de Lisboa e a formação universitária* in *Brotéria*, XLJ (1945), 74-81(75).

5 *SHORT-TITLE CATALOGUE of books printed in Italy and of italian books printed in other countries from 1465 to 1600 now in the British Museum*, London, 1958. 118 regista *La vita del glorioso san Francesco*, Milan, A. Zaroto, 1477 e *La aurea legenda maior beati Francisci*, Papie, I. Burgofrancho, 1508, que aqui indicamos a título de meros exemplos.

e o *Liber Conformitatum* (Milão, G. Ponticum, 1510) de Bartolomeu de Pisa, obras que, evidentemente, corriam, igualmente, em manuscrito, como manuscritas corriam essas *Chronicas antigas* – que haverá que identificar com a *Chronica XXIV generalium ordinis minorum* – que tão abundantemente utilizou. Nesse pouco mais, teremos, porém, de incluir ainda o *Floreto de S. Francisco* – o título quer em castelhano quer em português é um tanto mais extenso –, obra de que nos ocuparemos especialmente neste momento⁶. Há, contudo, que recordar que Fr. Marcos conhecia, através, quanto mais não fosse, do *Liber conformitatum*⁷ que os cita – e os extracta –, os títulos de algumas importantes fontes franciscanas que, como ele mesmo indica «ao lector», não pôde utilizar por, dada sua antiguidade, se terem perdido, como, por exemplo, a «Lenda antiga que compos o mestre frey Thomas de Celano, com autoridade e aprovaçam do Capitulo geral», isto é, o *Memoriale in desiderio animae de gestis et verbis sanctissimi patris nostri Francisci*, quer dizer, a chamada *Vita secunda* de Tomás de Celano..., e a «Lenda dos tres companheiros, a qual compuseram frey Leão, frey Angelo e frey Rufino companheiros dos padre S. Francisco», entendamos a *Legenda trium sociorum*... Não pudemos, porém, ainda verificar se, na «Primeira parte», chegou a servir-se das referências e passagens concretas dessas obras que pôde ler em *De conformitate*... E seria interessante fazê-lo. Para a «Segunda parte», Fr. Marcos deve ter-se dado imediatamente conta de que quase nada possuía e que, como ele mesmo declara, não poderia passar sem ir a Itália, donde resultou a «larga e honrosa peregrinação»⁸ que, a pé, empreendeu pela Europa que, por motivos das guerras e facções religiosas daqueles anos, era possível visitar⁹. Ele próprio, apesar do seu peregrinar por alguns centros franciscanos europeus que julgou poderem fornecer-lhe documentos e pistas,

6 Nada sabemos sobre a origem e a data de entrada em Portugal da «vida» de S. Francisco que se conserva no ms. 1192 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra para a qual chamou a atenção Giuliano Gasca QUEIRAZA, S.J., *La vita di san Francesco in castigliano antico: problemi e ipotesi* in *Collectanea Franciscana*, 43 (1973), 377-384, que, mais recentemente, foi estudado por Maria Joana de Sousa GUEDES, *A "compilação de Coimbra". Edição crítica do manuscrito 1192 da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (Dissertação de Mestrado em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, 1993; de qualquer modo, não parece que Marcos de Lisboa se tenha servido dessa obra.

7 Bartolomeu de PISA, *Liber aureus inscriptus. Liber conformitatum vitae beati ac seraphici Francisci ad vitam Iesu Christi domini nostri. Nunc denuo in lucem editus, atque infinitis propemodum mendis correctus a Reverendo, ac doctissimo P. F. Ieremia Bucchio*..., Bononiae, apud Alexandrum Benatium, 1590, edição que, por simples comodidade utilizamos, mesmo sabendo das actualizações que lhe introduziu o editor, Citaremos sempre por *Liber conformitatum*...

8 Martinho do AMOR DE DEUS, *Escola de penitencia, caminho de perfeição. Chronica da santa provincia de Santo Antonio da regular e estreita observancia da ordem do seraphico patriarcha S. Francisco no instituto capucho neste reyno de Portugal*, Lisboa Occidental, Herdeiros de Antonio Pedroso Galram, 1740, I, 123-124.

9 Marcos de LISBOA, *Segunda parte das chronicas da ordem dos frades menores da seraphico padre S. Francisco*..., Lisboa, Officina de Pedro Craesbeeck, 1615, «Frey Marcos ao Lector».

sentiu as limitações da recolha documental que, com muitos apoios – que hoje quase desconhecemos –, empreendeu¹⁰, tendo, contudo, aproveitado ainda muita dessa informação para a elaboração, em castelhano, da «Tercera parte»¹¹. E se todos sabemos o que, desde o prólogo da «Primeira parte», deve a Ubertino de Casal, quer dizer, à *Arbor Vitae Crucifixae* (Veneza, 1485)¹², também sabemos quanto fundamental lhe foi, por exemplo, ter podido dispor, com vagares, no convento de S. Salvador de Florença, do *Fasciculus chronicarum ordinis minorum* de Mariano de Florença que, muito provavelmente, será o autor mais citado e aproveitado ao longo das partes segunda e terceira das suas *Chronicas*...

Porém, desse conjunto de fontes que no fim do «Prologo» – «Fr. Marcos ao lector» – o cronista criteriosamente elenca para a «Primeira parte» – um conjunto que ele mesmo reputa escasso – haverá que destacar, com alguma demora, o *Floreto de S. Francisco*¹³. Esta compilação de «fontes franciscanas» – especialmente do *De inceptioe vel fundamento ordinis*, vulgarmente atribuído a um (e conhecido por) *Anonymus perusinus*, e do *Speculum perfectionis*, obras que vêm quase completamente traduzidas e em que se intercalam capítulos da *Vita secunda* de Tomás de Celano..., do *Actus beati Francisci et sociorum eius*, da *Legenda maior* e de outras fontes que S. Clasen e, depois, Juana M^a Arcelus identificaram com precisão¹⁴, ainda que, como acontece aos melhores, as suas propostas de identificação possam ter,

10 José Adriano de Freitas CARVALHO, *As "Crônicas da Ordem dos Frades Menores" de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado*, in *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos* (Dir. de José Adriano de Freitas Carvalho), Porto, C. L. U. H. E., 2001, 9-81 (17-18, 32-33).

11 Marcos de LISBOA, *Tercera parte de las chronicas da ordem dos frades menores do seraphico padre S. Francisco*, Lisboa, Officina de Pedro Crasbeeck, 1615, «Anotacion de fray Marcos de Lisboa al devoto Lector».

12 José Adriano de Freitas CARVALHO, *Achegas ao estudo da influência da "Arbor vitae crucifixae" e da "Apocalypsis Nova" no século XVI em Portugal* in *Via Spiritus* 1 (1994), 55-109.

13 Actualmente, dispomos de três edições desta obra: *Floreto de São Francisco. Reprodução fac-similada do incunábulo n.º 175 da Biblioteca Nacional de Lisboa com Nota de Apresentação* de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, 1988; *Floreto de San Francisco (Siglo XV)*, [Presentación de Antolín Pérez Abad; Transcripción de José Martí Mayor y Eva Cardona Recassens; Glosario de Emilio Blanco], Madrid, Editorial Cisneros, 1998; *Floreto de Sant Francisco (Sevilla, 1492)*, Estudio crítico, texto, glosario y notas de Juana María Arcelus Ulibarrena, Presentación de Enrico Menestò, Madrid, Fundación Universitaria Española / Universidad Pontificia de Salamanca, 1998. Citaremos sempre por esta última edição que, apesar de alguns erros de leitura do original, tem a enorme vantagem de, em cada capítulo, remeter para as «fontes franciscanas» e lugares paralelos em outras compilações. Permitimo-nos, porém, remeter para a recensão crítica que elaborámos desta edição em *Via Spiritus*, 6 (1999), 249-264.

14 Sophronius CLASEN, "El Floreto de Sant Francisco", *Colectionis Hispanicae de S. Francisco eiusque sociis notitiorum analysis* in *Collectanea Franciscana*, 35 (1965), 249-285; Juana M^a ARCELUS ULIBARRENA, *Floreto de Sant Francisco*..., ed. cit., *passim*, aponta, igualmente, para cada capítulo fontes e lugares paralelos.

em alguns casos, uma melhor solução – acaba por revelar-se uma espécie de *collectio operum et extractuum* semelhante a outras que, um pouco por toda a Europa, se foram organizando – o *Speculum Vitae* (Metis, 1509)..., as chamadas *Compilações de Barcelona*...¹⁵ ou a que poderia dizer-se a *Compilation parisienne*¹⁶, por exemplo – com o desejo de reunir, transcrever e divulgar textos e dados menos conhecidos e menos «oficiais» sobre o Fundador e os primeiros tempos da ordem. Como já tivemos ocasião de sugerir¹⁷, curiosamente – e estranhamente – o cronista português não parece ter utilizado as *Fioretti*, ainda que, como veremos, a lição textual de algum capítulo coincida, em algum momento, com alguma da tradição textual dessa obra em italiano, não sabendo nós se, a este respeito, conviria aqui precisar zonas dialectais. E dizemo-lo assim, lembrados de que a lição vulgar apresentada pelos modernos curadores da edição de *Actus Beati Francisci*... de J. Cambell (Assis, 1988) como tradução de *Actus* no «saporoso vulgare trecentoso» – mas de acordo com que edição? – nem sempre concorda com a de algumas edições das *Fioretti*, como, por exemplo, a de Veneza, 1509 – sem editor conhecido – que possuía Gaspar Barreiros, o humanista português que, em 1562, veio a ser Fr. Francisco da Madre de Deus¹⁸. Convém lembrar, desde já, que o *Floreto* está como que organizado em torno do *Speculum perfectionis*, a obra central dessa compilação a que, naturalmente, Fr. Marcos mais recorreu. A origem, a autoria e a data do *Floreto* continuam – e, talvez, continuarão – sendo um mistério, mas se não podemos garantir

15 Jacques CABELL, *Glanes Franciscaines. La première compilation de Barcelone (Barcelona, Biblioteca Central, cod. 645)*, in A. I. A., XXIII (1963), 231-453; *Glanes Franciscaines. La seconde compilation de Barcelone (Barcelone, biblioteca central, cod. 665)* in A. I. A., XXV (1965), 225-298.

16 Marian MICHALCZYK, *Une compilation parisienne des sources franciscaines*, Paris, Nationale, ms. Lat. 12707, Roma, 1983 (Extractum ex *Archivum Franciscanum Historicum*, 74 (1981) – 76 (1983)).

17 José Adriano de Freitas CARVALHO, *As "Crônicas da ordem dos frades menores" de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado in Quando os frades faziam história...*, ed. cit., 43. Aos exemplos que então apontámos juntamos ainda o conhecidíssimo caso do lobo de Gubbio que Fr. Marcos relata (*Chronicas*, I, 10, 29), cuja lição textual diverge da de *Actus* (23) e da das *Fioretti* (21), na tradução destas apresentada pelos curadores da edição de *Actus* por J. Cambell.

18 *QUESTI SONO LI FIORETI DI SANCTO FRANCESCO* (Còlofon: *Impresse in Venetia nel M. D. IX a di XXVII, de Marzo*) de que, actualmente, apenas conhecemos dois exemplares: o da Biblioteca Estense de Modena [iz. 9, 32, (2)] e o da Biblioteca de Évora (Res.539), exemplar este último que o C. I. U. H. E. da Universidade do Porto editou em edição anastática (Porto, 2001), com uma breve nota de apresentação (*Introdução à edição fac-similada das "Fioretti de Sancto Francisco"*, Veneza, 1509) do autor destas linhas. Note-se que Anne Jacobson SHUTTE, *Printed Italian vernacular religious books (1465-1550): a finding list*, Genève, 1983, 182, regista, talvez por equívoco, um exemplar em Florença (Biblioteca Nazionale), pois nem as buscas que aí efectuámos nem Max Sander, *Le livre à figures italien depuis 1467 jusqu'à 1530*, Milano, 1942, n.º 2878, para quem remete a referida investigadora, garantem tal existência; efectivamente, M. Sander, no lugar indicado, apenas aponta o belo exemplar de Modena.

a sua origem franciscana ibérica – a compilação poderia ter chegado à Península Ibérica já total ou parcialmente formada e aqui ser traduzida, reorganizada e acrescentada de alguns textos¹⁹ –, podemos garantir contrariamente a algumas propostas já feitas sobre o assunto, que o «autor», entendamos, o compilador – se é que não houve mais do que um «autor» – não foi Fr. Francisco Ximénez, o futuro cardeal Cisneros, entrado, em 1484, aos 49 anos, nos franciscanos observantes, embora nada haja a opor a que pudesse ter contribuído para a versão final do impresso, se se confirmar – parece-me uma hipótese muito provável – que em 1492 foram introduzidos, à última hora, alguns textos que não existiriam na versão manuscrita de base²⁰. Evidentemente, não queremos, com algumas das hipotéticas reservas a que aludimos, negar que o *Floreto de S. Francisco*, tal como hoje o conhecemos, seja uma antologia ibérica. Naturalmente, quanto à sua organização final, assim será, embora reconhecendo que, pelo que diz respeito a conteúdos – personagens..., milagres..., casos raros..., cidades e lugares... – a tradução portuguesa da *Chronica XXIV generalium*, feita a partir de uma versão castelhana²¹, – poderia dizer-se mais peninsular... No entanto, menos por uma sua provável organização num quadro peninsular e mais pela sua recepção em ambientes das reformas observantes no século XV em Portugal e em Espanha, poderemos, sem grandes dificuldades, classificar o *Floreto* como uma obra ibérica. E, como aludiremos, a impressão, em 1492, de uma das versões dessa compilação, deverá ser vista como a consagração dessa recepção, mas também como o aproveitamento desse meio extraordinário de difusão e fixação que é a imprensa para lhe garantir uma ainda maior difusão, a fixação do texto e para facilitar a sua leitura. O impresso suplantaria seguramente – ainda que os não anulasse em todos os casos – o manuscrito, mesmo quando este fosse de «boa letra» e, em muitos casos, poderia oferecer uma lição textual mais correcta. É bem provável, para não dizermos quase seguro, como tentaremos sugerir, que Fr. Marcos ainda tivesse recorrido a alguma versão manuscrita.

19 Discutimos esta sedutora hipótese, não contemplada por Juana María Arcelus Ulibarrena na sua douda introdução à sua edição do *Floreto de Sant Francisco*, ed. cit., 59-61, na já referida recensão in *Via Spiritus*, 6 (1999), 247-264 e ao recordar agora, pela releitura de Armando QUAGLIA, “El Floreto”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in Studi Francescani*, LIV (195), 41-49 (46, nº27), que L. Wadding possuía e utilizou uma cópia manuscrita aparentemente mais volumosa que a do texto do incunábulo sevilhano, cremos sentir confortada essa nossa hipótese. Mantém-se ainda, muito naturalmente, o «mistério» da língua do *Floretum* do frade irlandês.

20 É uma tese defendida por Juana María Arcelus Ulibarrena na sua citada introdução à edição do *Floreto de Sant Francisco*,... (207)

21 José Joaquim NUNES na sua introd. a *Crónica da ordem dos frades menores (1209-1285)*, *Manuscrito do século XV, agora publicado incirantemente...*, Coimbra, 1918; Andres IVARS, *Una versión castellana de la “Leyenda de San Francisco” y de la “Crónica de los XXIV Ministros Generales”* in *A. I. A.*, XVIII (1922), 252-266.

Como se sabe, o *Floreto de sant Francisco*, tal como o conhecemos hoje, «data» dos fins do século XV, mais precisamente, de Sevilha em 1492, e nada há no seu texto nem na sua organização que, verdadeiramente, impedisse a sua organização por essas datas, pois, como já foi, um tanto arbitrariamente, defendido, é bem possível que certos textos tenham sido incluídos à última hora. No entanto, assim ou de «outro modo», temos notícias seguras da sua existência em casas observantes portuguesas – concretamente, aqui ao lado, no oratório de S. Clemente das Penhas –, desde 1452, o que poderá bem indicar que o seu registo no inventário da pequenina biblioteca da casa – 16 livros – feito, nesse ano, por Fr. Rodrigo de Arruda²², deverá significar uma sua circulação já anterior, ainda que não possamos ir mais além nesta afirmação. O inventariador indica ainda que era de «boa letera», registo que repete um novo inventário, em 1457, da mesma biblioteca, que seguia com o mesmo número de obras, embora não exactamente com os mesmos títulos. Fr. Gil de Guimarães, o autor desse inventário, precisa ainda que o exemplar do *Frorete*, apontado entre os «livros de coro e de mesa» – era, seguramente, uma leitura de refeitório –, estava em pergaminho. E em 1474, no extenso inventário que da livraria dessa casa elaborou – agora uma livraria com 45 obras –, Fr. João da Póvoa anota que era livro «em lingoagem» e dele dá o precioso *incipit*: *Aqui sam escriptas...* Dois exemplares do *Floreto* no minúsculo e perigoso – dada a sua construção nos penhacos junto ao mar – oratório de Matosinhos? Não cremos, pois nem agora nem em qualquer outro inventário posterior desse oratório vem registado qualquer exemplar em pergaminho. E, mesmo ignorando o destino e da data em que deixou de estar na livraria do oratório o precioso exemplar – *em boa letera* – que aí se encontrava desde, pelo menos, 1452, sabemos que, de acordo com o inventário de Fr. João da Póvoa desse mesmo ano de 1474, um outro exemplar do *Floreto* existia em Santa Maria da Ínsua, mas com uma notável diferença – era «em papel»... E mais: tinha sido oferecido à casa, antes de 16.5.1474 – a data exacta do inventário –, por Fr. Jorge de Sousa, pregador e confessor – e, segundo alguns indícios, apreciador de fazer obras nas casas por onde passava e tido, em coisas de política, por «hombre dobrado»²³... – que então estava de vigário dessa casa junto da foz do Minho. Fr. João da Póvoa, revelando-se um bom conhecedor do texto, informa ainda que se tratava de um exemplar *muito vicioso*. Com tal classificação que aplica muitas vezes nos seus inventários, quererá dizer,

22 José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres leteras... Ferosos volumes...", *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, C. I. U. H. E., 1995, 57-69.

23 José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres leteras... Ferosos volumes...", ed. cit., 61, n.º 182.

muito provavelmente, que se tratava de um exemplar com faltas e com erros, no fundo, em resumidas contas, que não oferecia uma lição textual correcta. Qual seria o «arquétipo» – aceitemos, um tanto violentamente, o tecnicismo – textual do Padre Póvoa por esses anos de 1474, isto é, quando ainda não existia o texto impresso? Também o ignoramos. Poderemos levantar alguma suspeita? Talvez, como veremos. De todos os modos, em 1476, o mesmo Fr. Jorge oferecerá ao mesmo oratório da Ínsua uma outra cópia do *Floreto* mandada fazer pelo exemplar de Santa Cristina de Tentúgal que, anota Fr. João da Póvoa, estava *em lingoagem aragones ou catalhana*... Sabendo que Fr. João da Póvoa tinha tomado o hábito em Santa Cristina, seria este o seu «arquétipo» do texto do *Floreto*? É uma suspeita e pode ser que venha a revelar-se uma hipótese... Antes, contudo, de voltar a esta indicação, convirá precisar que, mais tarde, depois de 24.8.1492 – data da impressão sevilhana –, confirmando agora alguma das nossas suspeitas, Fr. João da Póvoa assinalará, nesse mesmo inventário da Ínsua, que *de forma em castelhano está aqui também de outro modo*..., referindo-se, indubitavelmente, ao texto impresso em Sevilha em 1492... A aparente contradição cronológica é devida a que essa nota aposta ao inventário de 1474 é, evidentemente, posterior, já que esse grande «amador de bons livros» sempre foi anotando, actualizando-os, os seus inventários que, por esse amor à precisão e ao controle, parecem, muitas vezes, um pouco caóticos. A casa da Ínsua dispôs a partir de 1474 – ou até já de antes – de três exemplares dessa compilação: dois manuscritos e um impresso. Por outro lado, como facilmente se reconhecerá, essa nota – *de forma em castelhano está aqui também de outro modo* – aposta, depois de 24.8.1492 –, junto ao exemplar inventariado em 1474²⁴, é, para nós, muito valiosa: para além de confirmar o conhecimento que tinha o Padre Póvoa do *Floreto*, assegura-nos que, além dos «muito viciosos», corriam outras lições do *Floreto* que não coincidiam – eram de *outro modo* – com o texto impresso em 1492, um *outro modo* que poderia ir desde a organização à quantidade de textos seleccionados, com as suas sempre possíveis variantes da lição textual²⁵. Isto indica – se preferirmos, podemos dizer parece indicar – que o texto do *Floreto* impresso, em Sevilha, pelos «companheiros» Menardo Ungut e Lançalao Polono, nesse «annus mirabilis», era apenas uma das versões que circulavam – ou, o que virá a significar o mesmo, uma versão expressamente preparada para a edição –, versões essas que, sempre que

24 José Adriano de Freitas CARVALHO, “*Nobres leteras... Fermosos volumes...*”, ed. cit., 94, (n.º 42).

25 Armando QUAGLIA, “*El Floreto*”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in Studi Francescani*, LIV (1951), 41-49, aponta (46, n.º 27) que a cópia manuscrita que possuía Lucas Wadding «sembra essere molto più voluminosa e complessa delle copie a noi note nell’edizione di Siviglia, che hanno solo 122 fogli...», enquanto a do frade irlandês teria, pelo menos, 554...

possível, iriam sendo abandonadas a favor do impresso, que, curiosamente, como se sabe, chegou até nós em contadíssimos (4) exemplares. Em Portugal, apesar de termos indicações de outros exemplares existentes, apenas conhecemos hoje o que pertenceu a S^o António da Castanheira. Talvez, por isso, não valerá a pena insistir, como já tem sido feito, que no século XV circulavam na Península, em manuscrito, compilações próximas do *Floreto*... que não eram o *Floreto*... Possivelmente, será melhor dizer que havia do *Floreto* textos com variantes mais ou menos profundas²⁶...

Apesar de já termos pensado de modo diferente, cremos que o exemplar que Fr. Jorge de Sousa ofereceu à casa da Ínsua em 1476 era apenas uma cópia do exemplar em *lingoagem aragonês ou catalãna* que havia em Santa Cristina. Esse deverá ser o sentido preciso desse *tresladado* que utiliza Fr. João da Póvoa para indicar a proveniência do exemplar oferecido²⁷, pois se estivesse em português seria mais natural que, como já o fizera para outro exemplar do *Floreto* – e fará para outras obras que inventaria quer em latim quer em castelhano –, desse o seu *incipit* em português ou, como tantas vezes também faz, apontasse concretamente a língua do manuscrito que inventaria. O que importa, porém, assinalar aqui é a existência de um exemplar em catalão em Santa Cristina antes de 1476... o que indica que anteriormente a esta data corria uma – só uma? – versão em catalão, facto que não se tem assinalado²⁸. Estranhamente, porém, como poderia resultar dos escassos dados disponíveis, dir-se-ia que em castelhano, em Portugal, parece apenas ter circulado o impresso de 1492... E recordemos que Fr. João da Póvoa era um bom conhecedor da obra por sua directa leitura pessoal, mas também, como aludimos, por a ter ouvido ler nesse devotíssimo oratório de Santa Cristina – Fr. Manuel da Esperança, na segunda metade do século XVII, ainda se admirava da sua extrema simplicidade²⁹ –, pois aí tomou o hábito franciscano. Ainda que uns anos mais tarde, possivelmente à volta de 1525,

26 Aliás, deverá notar-se que já em 1922, Andrés IVARS, *Una versión castellana de la «Leyenda de San Francisco» y de la «Crónica de los XXIV Ministros Generales»* in A. I. A. XVIII (1922), 252-266 (259), colocou a hipótese de que o anónimo compilador do códice F-18 das Descalzas Reales (Madrid), que pertenceu à Imperatriz Maria de Áustria, em que se contém a *Legenda maior* de S. Boaventura interpolada com a crónica dos 10 primeiros gerais, pudesse ter tomado alguns capítulos avulsos, que se seguem a essa crónica truncada, «de algún códice de dicho *Floreto* anterior a la impresión, puesto que el texto castellano de ésta, aunque semejante, aparece ya mejorado». Actualmente, de acordo com *Manuscritos e impresos del monasterio de las Descalzas Reales de Madrid*, Madrid, Patrimonio Nacional, 1999 (Dir. de María Luisa López-Vidriero), 36, o referido códice tem a cota F-13.

27 José Adriano de Freitas CARVALHO, “*Nobres leteras... Fermosos volumes...*”, ed. cit., 101, (n.º 28).

28 José Adriano de Freitas CARVALHO, “*Nobres leteras... Fermosos volumes...*”, ed. cit., 61, 101 (n.º 28).

29 Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores na provincia de Portugal. Segunda Parte*, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, 12, 6, 654.

Fr. Marcos poderia ter ouvido essa mesma leitura ou, se a casa o possuía, a lição do texto castelhano de 1492..., pois também ele tomou o hábito na casa de Tentúgal. O seu preciso conhecimento do texto e a abundância do que dele tomará para as suas *Chronicas* não terão sido alheios a estas circunstâncias. Em Santa Cristina de Tentúgal não terá lido ou ouvido ler em português – nunca, porém, o garantiremos, já que os livros, como atestam os próprios inventários, circulavam entre as diferentes casas –, mas podemos ter por certo – ou, se quisermos ser extremamente prudentes, por altamente provável – que existiu uma tradução portuguesa do *Floreto*, pois, como estaremos recordados, o Padre Póvoa, em 1474, cita o *incipit* do exemplar de S. Clemente das Penhas em português: *Aquí sam escriptas*³⁰..., dispensando-se, assim, de precisar que esse exemplar em *purgaminho* estava em português. Será mesmo possível – e somente possível – que Fr. Marcos se tenha servido de uma versão portuguesa – ainda que, talvez, não unicamente –, se aceitarmos que o título da obra no elenco das fontes para a «Primeira parte» – *Floreto das cousas do Padre Sam Francisco e alguns companheiros* – também não corresponde ao título do impresso castelhano – *Este es el Floreto de sant Francisco. El qual tracta de la vida e milagros del bienaventurado señor sant Francisco e de la regla de los frayles menores* –, a menos que admitamos que tal se deve a modalidades de tradução ou de apresentação, o que, se não é impossível, não parece muito provável. É apenas uma hipótese, mas o dar o título em português quando dá algum título em latim.... poderia ajudar a torná-la mais provável, ainda que, confessemos, o mais usual em Marcos de Lisboa é oferecer os títulos latinos em tradução portuguesa. E como veremos, a análise sumária que faremos do confronto de textos do *Floreto* inseridos nas suas *Chronicas* com a lição dos mesmos textos no impresso de 1492 poderia – dizemos apenas poderia – confortar tal possibilidade. É certo que nada impediria que tivesse recorrido a uma lição manuscrita e à lição impressa, trabalho que permitiria compreender melhor algumas diferenças entre a lição do *Floreto* que cita e a de 1492. E quase podemos estar seguros que assim deverá ter procedido.

II – Fr. Marcos cita o *Floreto das cousas do Padre Sam Francisco* umas 118 vezes na «Primeira parte» das *Chronicas* e cerca de 11 na «Segunda parte»³¹ – e é sempre possível que tenhamos errado a conta para menos...

³⁰ Não deixa, porém, de ser importante assinalar que o que poderá dizer-se a «terceira parte» do *Floreto* sevilhano começa, precisamente, por *Aquí son escriptas algunas cosas notables de esse mesmo sant Francisco e de sus compañeros y de algunos fechos maravillosos de ellos...* Poderá pensar-se que esse manuscrito assinalado por Fr. João da Póvoa continha apenas essa parte? Apenas se pode dizer que tal não é crível.

³¹ Armando QUAGLIA, «El Floreto»: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisboa e del Wadding* in *Studi Francescani*, LIV (195), 41-49, que não pôde dispor do texto completo do *Floreto*

–, mas as referências apostas em nota não correspondem ao número de textos extractados, pois, muitas vezes, por uma referência há vários textos do *Floreto* aproveitados, o que, com algum matiz que anotaremos, significa que «il Floreto [...] è stato saccheggiato completamente dall'illustre storico portoghese»³², abundantíssima utilização da obra – privilegiando o *Speculum Perfectionis* – que, naturalmente, é mais notável na «Primeira parte», essa em que S. Francisco é, evidentemente, o ponto de partida e o centro. E havemos de notar que as *Conformidades*, isto é, o *De Conformitate* – ou, talvez melhor, o *Liber conformitatum* – que tantas vezes cita, rarissimamente lhe poderiam fornecer, como acontece, muito mais do que referências autoritativas.

Como acabamos de sugerir, tentaremos, com alguns rápidos exemplos (11) aproveitados dos 85 que analisamos com mais precisão, evidenciar a hipótese da utilização, por parte de Fr. Marcos, de mais do que uma tradição textual, isto é, que não deverá ter recorrido apenas, como poderia supor-se, ao texto castelhano impresso em 1492³³. Por tal, distinguiremos, a partir deste momento, entre o *Floreto*-1492 e o «Floreto», isto é, entre a lição do incunábulo sevilhano e a de uma outra compilação idêntica que o cronista assim nomeia – e que hoje desconhecemos –, que utilizou e que bem poderia representar esse «outro modo» que anotou Fr. João da Póvoa em nota posterior a 24.8.1492 no inventário da Ínsua de 1474 e que poderia estar em português ou em castelhano ou até – quem sabe? – em *lingoagem aragones ou catalana*³⁴. Que Fr. Marcos deverá ter conhecido um manuscrito em

publicado em Sevilha, apenas contou 72 referências na «Primeira parte» (44, n.º 17), mas talvez – o que não podemos agora verificar – isso se deva a que a tradução italiana – que, em muitos casos, apresenta importantes interpolações do texto original – não registe todas as referências ao *Floreto* apostas na edição primigénia.

32 Armando QUAGLIA, “El Floreto”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding* in *Studi Francescani*, LIV (195), 41-49, (44).

33 Armando QUAGLIA, “El Floreto”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding* in *Studi Francescani*, LIV (195), 41-49, pôde já assinalar que, em algum caso, a lição apresentada por Fr. Marcos e pelo *Floreto*-1492 não coincidem, mas não parece ter pensado que a divergência pudesse atribuir-se a diferente lição, pois afirma (44) que «il Floreto spagnolo è stato saccheggiato completamente dall'illustre storico portoghese».

34 Geralmente, não tem muito sentido tecer hipóteses do género, mas tendo em conta que o exemplar manuscrito do «Floreto» que possuía Lucas Wadding seria – parece... – muito mais extenso que o impresso sevilhano de 1492, nada impediria que o manuscrito do «Floreto» que utilizou Fr. Marcos contivesse outros textos que hoje não se lêem no *Floreto*-1492. Por exemplo: Fr. Marcos para o capítulo «Do lobo ferocíssimo que o sancto padre amansou» (*Chimicus*, l. 10, 29) indica como fontes a compilação ibérica – e tal relato não se encontra no *Floreto*-1492 – e as *Conformidades*, onde vem. A sua lição está, efectivamente, muito próxima – mas não é totalmente coincidente – da do *Liber conformitatum* (l. 10.º, 140v-141r), o que, contas feitas, pode levar a pensar que tanto Bartolomeu de Pisa como Marcos de Lisboa tivessem utilizado lições textuais próximas dependentes de *Actus* (23) ou das *Floreti* (21). Adiante, examinaremos um caso semelhante que poderá abundar na confirmação desta proposta.

catalão é legítimo pensá-lo, já que, como sabemos, Santa Cristina onde se fez franciscano, possuía um exemplar do «Floreto» nessa língua...

1

Para narrar «Dos trabalhos que o Padre S. Francisco passou ao arrancarse deste mundo», Fr. Marcos segue, em excelente tradução, o «De perfecta conversione eius ad Deum et de reparatione trium ecclesiarum» da *Legenda maior* (II, 1)³⁵, mas, depois de assinalar, com S. Boaventura, que Francisco, «lançado em terra ante a imagem do Crucifixo, foi chea sua alma de hũa grande consolação do Spirito Sancto», junta que «com grande fervor fez tres vezes esta oração» – indicação esta (texto da oração e número de vezes que a disse) que não procedendo da *Legenda maior*, foi também recolhida pelo *Floreto* (I, 2) que a não colheu no «Anonymus Perusinus», *De inceptione vel fundamentum ordinis* (I, 3-9) donde traduz o capítulo em que, por sua vez, a insere, porque nele não se encontra –, oração que Fr. Marcos declara ter tomado dessa grande compilação ibérica. Contudo, a comparação da lição das *Chronicas* com a do *Floreto*-1492 deixa sérias dúvidas:

«O alto e glorioso Deos e meu Senhor Iesu Christo, alumiai as trevas de meu coração e daime Fê direita, esperança certa, e charidade perfeita, e conhecimento de vós Senhor, assi que eu faça a vossa sancta e verdadeira vontade. Amem».

Chronicas, I, 1, 3, 2v -3r.

«O alto e glorioso Dios, alumbra las tinieblas de mi corazón, e dame fe derecha, esperanza cierta e caridad perfecta e conocimiento de ti, Señor, assi que yo faga el tu Sancto e verdadero mandamiento. Amén.»

Floreto, I, 1, 382

À primeira vista, não teríamos dúvidas em aceitar que Fr. Marcos traduziu, introduzindo-lhe alguma perfeição ou matiz – «e meu Senhor Iesu Christo...», «vontade» por «mandamiento» – o texto do *Floreto*-1492. No entanto, haveríamos que reconhecer que não seria de esperar que, apesar de tudo, um cronista interviesse, mesmo que para a «aperfeiçoar», no texto de uma oração de um santo, de quem, aliás, era filho espiritual. Essas nossas certezas, porém, esvaem-se quando vemos que o texto latino que da mesma oração

³⁵ Embora reconhecendo que, metodologicamente, não será o processo mais correcto, já que não oferecem – nem podiam oferecer, pois tal não é o seu objectivo –, as variedades das lições em que circularam e que, evidentemente, seria o que aqui mais nos importaria, todas as referências a fontes franciscanas estão tomadas de *Fontes Franciscani* (a cura di Enrico Menestò e Stefano Brufani), Edizioni Porziuncola (Assisi), 1995 que apresentam o texto latino das mesmas fontes, até então dificilmente acessível: *Actus Beati Francisci et Sociorum eius* (Nuova edizione postuma de Jacques Cambell con testo dei *Fioretti* a fronte, a cura di Marino Bigaroni e Giovanni Boccali), Edizioni Porziuncola (Assisi), 1988.

apresenta L. Wadding em *Beati P. Francisci Assisatis Opuscula* coincide, quase exactamente, com o de Fr. Marcos:

«Magne et glorioso Deus, et Domine mihi Iesu Christe, illumina, oro te, tenebras mentis meae.

Da mihi fidem rectam, spem certa, et charitatem perfectam. Fac ut cognoscam te, Domine, ita ut ego *in omnibus omnia* secundum tuam sanctam et veram voluntatem perficiam»³⁶.

A comparação das miúdas variantes dos três textos parece indicar que Fr. Marcos não deverá ter-se servido do texto do *Floreto*-1492, mas, sim, de outra lição textual da mesma obra – já que declara que foi dela que copiou essa oração – que, mesmo com as variantes por nós sublinhadas no seu texto, também conheceu L. Wadding, – ele que, como sabemos, possuía uma cópia manuscrita do «Floreto» que não se identificaria com o impresso de 1492 –, já que aponta como fonte sua um «Floretum»³⁷ que poderá identificar-se com um «Floreto spagnolo», mas não necessariamente com a lição impressa, como já se tem pretendido³⁸.

2

Também para a compilação peninsular remete Marcos de Lisboa quando, depois de recordar «como o servo de Iesu Christo Francisco renunciou ao pay toda sua herança temporal ate a camisa, diante do Bispo de Assis», aponta as críticas que recebia dos seus. A comparação da lição textual pode ser interessante:

³⁶ Lucas WADDING, *Beati Francisci Assisatis Opuscula*, Antuerpiae, 1623, 102. (O sublinhado é nosso).

³⁷ Lucas WADDING, *Beati Francisci Assisatis Opuscula*, Antuerpiae, 1623, 103: «Hanc [orationem B. Francisci in suae conversionis initio] apud Marcum I. part. libl. 3. et Floretum c. De convers. beati Francisci invenimus». Como, generosamente, me chamou a atenção o Prof. Agustí Boadas, O. F. M., quando, numa bela manhã em Barcelona comparámos livros e textos – a começar pelo exemplar da primeira edição waddingniana dos *Opuscula* que possui a acolhedora casa da rua de Santaló (e falo por experiência não apenas bibliográfica: Deste-me de comer quando tinha fome..., Deste-me de beber quando tinha sede..., Socorreste-me quando me roubaram..., etc.) –, caberia pensar que Lucas Wadding mais não fez do que traduzir, com remissão à sua fonte, o texto que traz Fr. Marcos. É uma sedutora hipótese que, logo depois, verifiquei parecer ter igualmente seduzido Armando QUAGLIA “*El Floreto*”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in Studi Francescani*, LIV (195), 41-49 (46), que, contudo, será necessário ponderar mais sistematicamente, pois, em tal caso, teríamos de perguntar-nos porque em alguns casos recorre ao seu «Floretum» – por exemplo: «Floretum folio mihi 102», a propósito da *Oratio pro commendanda sua familia* (*Opuscula*, ed. cit., 118) – e em outros copiou as citações que Fr. Marcos faz da obra, Ioannis de LA HAYE, *Sancti Francisci Assisatis Minorum Patriarchae nec non S. Antonii Paduani eiusdem ordinis Opera Omnia*, Paris, Apud Carolum Rovillard, 1641, 18; apresenta a mesma lição textual que traz Lucas Wadding, sem, porém, referir as suas fontes, situação que não é nele usual.

³⁸ Armando QUAGLIA, “*El Floreto*”: *Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in Studi Francescani*, LIV (195), 41-49, parece pensar (46) que o «Floreto spagnolo» se identifica unicamente com a lição impressa em 1492.

«Estava hũ dia o santo varão em tempo de grande frio ouvindo Missa em hũa Igreja tão pobrememente vestido que se lhe parecião as carnes, e vioo hum seu irmão que alli estava tambem, e mandoulhe dizer zombando delle, se lhe queria vender hum real de suor. E o servo de Deos muy alegre lhe respondeo: Eu o tenho todo muy bem vendido a meu Deos e meu Senhor»

Chronicas, I, 1, 5, 4v.

«Otra vez en tiempo de invierno, como una mañana se diesse a la oración, contento de pobrezillas vestiduras, hum su hermano carnal viéndolo padecer grande frio, dixo a un su compañero en escarnio: "Di a Sant Francisco, si al no, que te venda una meaja de sudor". Lo qual oyendo el varón de Dios Francisco, lleno de gozo e de alegría, respondiό en fervor del Espiritu Sancto: "Por esso por çierto venderé al mi Señor este sudor por caro prescio"».

Floreto, II, 119, 621

Que Fr. Marcos, como assinala, tomou o texto dessa compilação, parece não haver dúvidas, mas que se tenha servido do incunábulo sevilhano talvez não seja tão seguro, a menos que queiramos atribuir ao cronista localizações piedosas – «ouvindo missa em hũa Igreja»... –, dramatizações – «que se lhe parecião as carnes»... – e mudanças de perspectiva do relato, como essa decorrente da tradução do tempo verbal no futuro pelo pretérito – «tenho vendido» pelo mais exacto «venderé» com que em 1492 se traduz o «vendam» de *Vita secunda* (12) e da *Legenda trium sociorum* (23) – isto é, elementos que, inexistentes nas suas fontes mais conhecidas (2C12, 3Ssoc23), radicalizam, pelo reforço do seu próprio contexto, a resposta de Francisco e a tornam num facto «histórico» e «trágico», pois revela uma decisão sua irreversível e já tomada naquele momento.

3

Ainda que, para as nossas sugestões, pudéssemos estabelecer aqui a comparação dos textos de Fr. Marcos (*Chronicas*, I, 1, 18) e do *Floreto*-1492 (II, 59) sobre Fr. João, o Simples, que apresentam abundantes variantes, não o fazemos, porque Fr. Marcos assinala como fonte sua não a compilação peninsular, mas, sim, o *Liber conformitatum* (I, 8º, 64v) – um brevíssimo texto que não pode ser a fonte do seu largo relato – e a «Crónica» de Santo Antonino de Florença, obra que não vimos.. É preferível analisar as suspeitas que suscita a comparação da lição textual das *Chronicas* e do *Floreto*-1492 ao narrar o amor fraternal que envolvia os primeiros tempos franciscanos. Embora com algumas variantes notáveis, a fonte de ambos é, evidentemente, o capítulo «De conversatione fratrum et dilectione quam invicem habebant» do *De inceptione vel fundamento ordinis* do vulgarmente chamado «Anonymus Perusinus» (25-30).

«Cheos aquellos servos de Deos deste lume e graça divina, erão enviados pelo Padre a alumiar o mundo, e tornavão a santa Maria da Porciuncula de todas as partes com a sua madre, onde se vião hũs com os outros, e erão cheos de tanta alegria spiritual, que não sentião os trabalhos da mingoa e contrariedades que padecião. De dia em seus tempos se ocupavão em trabalhos de suas mãos, mas seu continuo exercicio era oração, orando frequentemente com devação e lagrimas, e levantandose em o quieto e profundo da noite a velar e orar ao Senhor em seus louvores e orações pelos peccadores. Amavãose hũs aos outros com entranhavel amor, e assi servia e criava hũ ao outro como a mãe a hũ soõ filho que tem, e tanto ardia nelles a charidade, que lhes parecia cousa muy facil dar sua vida, não soõ por honra de Christo, mas ainda por a salvação de seu irmão. Andando hũa vez dous frades caminho, acharão hum doudo que começou de apedrejar a hũ delles, e o companheiro correndo se foi pór diante, por que as pedras dessem antes nelle que em seu companheiro, com tão grande charidade o amava. Semelhantes cousas fazião muitas vezes, como fundados em verdadeira charidade e humildade. Hum ao outro como a senhor honrava e fazia reverencia, e o que entre elles era superior, em officio ou antiguidade ou algũa graça, mais humilde e baixo era que todos os outros, porque assi o aprendia do santo padre...»

Chronicas, I, 1, 19, 17v.

«Quando los frayles se tornavan allí a Santa María de Porciuncula de todas las partes del mundo e se veían unos a otros, eran llenos de tan grand alegría e gozo spiritual, que no se acordavan de cosa alguna de la pobreza e de las contrariedades que padescían. Otrosí eran continuamente en oración, y en los trabajos de sus manos eran solícitos e cuydadosos porque alançasen de sí de todo en todo la ociosidad enemiga del ánima. Mas en las noches eran cuydadosos de se levantar en el sosiego de la noche en silencio çerca de aquello que dize el profeta: «A la media noche me levantava a confesar a tí» etc.

Otrosí oravan espessamente con mucha devoción e lagrimas e amavãse unos a otros com amor entranhal e servían e criavan el uno al outro, assí como la madre a su solo hijo. En tanto ardía en ellos el amor de la muy pura caridad, que les parecia cosa ligera dar los sus cuerpos, no tan solamente por el nombre de Jesu Christo, mas aún por la salud de su hermano.

E un día, como dos frayles pasasen por una carrera, fallaron un loco el qual lançava piedras al uno de ellos, mas el otro, como viesse las piedras ser lançadas a su companheiro, fue corriendo e púsose a los golpes de las piedras queriendo más que fíriesen a él que al compañero, por la ferviente e entrañable caridad. Estas cosas fazían muchas veces porque eran fundados e raygados en verdadera caridad y en verdadera humildad.

Onde uno a otro, ansí como a su señor, le acatava e dava reverencia, e qualquier que entre ellos sobrepujaba en officio o en ser, más humilde e más vil era visto que todos los otros...»

Floreto, I, 7, 398-399.

O texto de Fr. Marcos que seleccionamos do capítulo em que apresenta, tal como a compilação peninsular, o narrado no respectivo lugar do *De inceptione vel fundamento ordinis*, poderia, à primeira vista, dizer-se uma tradução relativamente fiel do texto do *Floreto*-1492, ainda que com acrescentos e supressões nem sempre facilmente explicáveis. Na verdade, onde terá visto Marcos de Lisboa que os primeiros franciscanos tornavam a Porciúncula «como a sua madre»? E porque terá suprimido a citação do Profeta (Ps.118, 62)? E onde terá lido que cada um assim procedia, «porque assi o aprendia do santo padre»? Decisões suas? Não o cremos, porque, embora não saibamos donde tomou o cronista aquele «como a sua madre» que prepara a alegria do reencontro que a seguir se anota, nem donde lhe veio esse «porque assi aprendia do santo padre» que acentua quanto todos imitavam a S. Francisco, sabemos que a outra fonte franciscana que narra estes factos – a *Legenda trium sociorum* (41-42) – também omite a citação do salmo, o que sugere que essas «amplificações» e essa omissão deverão resultar da lição textual do «Floreto» que estava a seguir. No entanto, convirá notar que em dois ou três pormenores o texto das *Chronicas* está mais próximo da lição do *Anonymus Perusinus* que o do *Floreto*-1492. Com efeito, onde o texto latino da fonte franciscana diz «orabant cum devotione multa et lacrimis frequenter», Fr. Marcos utiliza o mesmo advérbio (frequenter – frequentemente); do mesmo modo, onde no texto latino se lê «...quod eis facile videbatur tradere corpora sua...», Fr. Marcos traz «cousa muy facil dar sua vida...», afastando-se assim do texto de 1492 (espessamente); igualmente, ainda que o «semelhantes cousas fazião muitas vezes...» traduza menos mais literalmente a lição do texto latino – Haec et his similia saepius faciebant...» – que o «Estas cosas fazian muchas vezes...» do *Floreto*-1492, não deixa de ser muito sugestivo que onde nas *Chronicas* se lê «o que entre elles era superior em officio ou antiguidade ou algũa graça...» corresponda com mais exactidão ao texto da fonte latina – «Quicumque inter eos officio vel gratia praecebat...» – que o «qualquier que entre ellos sobrepujaba en officio o en ser... » do *Floreto*-1492. Tudo sumado, será violento sugerir que também aqui terá o cronista tido presente outra lição do «Floreto» que não a do impresso de 1492? Aliás, seria muito importante continuar a análise comparativa desses capítulos das *Chronicas* e do *Floreto*-1492 para tentar assinalar outras variantes entre as suas lições textuais – aparentes interpolações que tanto suprimem como acrescentam – de modo a tentar captar o trabalho de elaboração a que parece ter procedido o «Floreto» que Fr. Marcos também utilizou.

4

Tal como o texto anterior – e, por isso, valerá a pena insistir no resultado deste tipo de comparação textual – poderia defender-se que o seguinte texto das *Chronicas* depende, na parte que lhe é comum, literalmente do texto castelhano do *Floreto*-1492. No entanto, sabemos que o anónimo autor – melhor, talvez, autores – do *Floreto*-1492 não teve apenas presente as lições

– tal como as conhecemos hoje – quer da *Compilatio Assisiensis* (120, 7-12) quer do *Speculum Perfectionis* (97), pois sabemos que também utilizou – se é que não utilizou sobretudo – o *Liber conformitatum* (I, 12º, 179r) ou um texto deste muito próximo. Como poderemos observar, há variantes que, por mínimas que sejam, não podem atribuir-se, sem mais, a um trabalho de tradução.

«E sendo assi aspero consigo, e induzindo com todas suas forças os servos de Deos a aspera e dura vida, não lhe aprazia o rigor tão severo, que não fosse moderado com a discrição, e temperado com a piedade, e por isso dizia aos seus frades: O servo de Deos em comer e beber, e tomar todas as necessidades corporaes, deve satisfazer com discrição a seu corpo de maneira, que não fique razão ao irmão corpo de murmurar, que não pode estar *direito*, nem *tanto* na oração, nem andar alegre nos trabalhos, nem fazer outras boas obras, por lhe não ser dado o necessario a sua fraqueza. E quando o servo de Deos lhe der em boa e justa maneira as necessidades, e o irmão corpo for negligente, preguiçoso e sonorento em oração, jejuns e outras boas obras, hão então de castigar como a preguiçosa e má besta que come e não quer sofrer a carga. Mas se por a pobreza e mingoa o irmão corpo não pode haver todas suas necessidades, na saude ou doença, pedindo a seu prelado *por amor de Deos*, e não lhas dando, sofra com paciencia por amor de Jesu Christo, que tambem buscou e não achou quem o consolasse. E a tal necessidade lhe conta o Senhor, por martyrio, e porque fez o que era em si, e pediu humildemente sua necessidade, não tem culpa, ainda que por isso o corpo mais enferme».

Chronicas, I, 1, 21, 20r.

«El siervo de Dios en comiendo, beviendo, durmiendo y en las otras necesidades recibiendo, deve com discreción satisfacer a su cuerpo, así quel cuerpo no haya materia o causa de murmurar, diciendo: «No puedo estar levantado e allegarme a la oración, ni alegrarme en mis tribulaciones e fazer otras obras buenas, porque no me satisfazes a mi menester e indigencia».

Ca si el siervo de Dios con buena e honesta manera e discreción satisfaze al su cuerpo, y el hermano cuerpo quisiesse ser negligente e perezoso e soñoliento en la oración, vigiliias y en las otras obras buenas, entonces devrÍale bien castigar así como a asno malo e perezoso, porque quiere bien comer e no quiere llevar la carga e ganar». Mas si por mengua e pobreza el hermano cuerpo no puede aver en sanidad las sobredichas menguas e necesidades como las demandare hÚmil e honestamente de su hermano o perlado, súfralo en paciencia e con humildad por amor de Dios e esta necesidad serÁle contada e reputada por martyrio. E porque fizo lo que suyo es, conviene a saber, que demande humildemente su necesidad, es escusado de pecado, e aún, sy el cuerpo enfermare ende gravemente, recibirán grand gracia de Dios».

Floreto, II, 101, 595.

Se bem anotarmos, em alguns momentos, o texto português não corresponde exactamente ao texto castelhano e, como acentuaremos, parece estar mais próximo da lição do *Speculum perfectionis*, ainda que possa ter acedido a um texto que, tal como o de que se serviu o *Floreto*-1492, também devia algo à lição que se lê no *Liber conformitatum* (I, 12º, 179r e II, 7º, 243v). Com efeito, se deste ou da lição que representa pode ter tomado, como o *Floreto*-1492, o «e beber» – «bibendo» –, a primeira utilização do «irmão corpo» – «de maneira que não fique razão ao irmão corpo de murmurar ...» – que não existe no *Floreto*-1492, corresponde quer ao texto do *Speculum perfectionis* (97, 3) – «ita quod frater corpus non valeat murmurare...» – quer ao do *Liber conformitatum* – «ita quod frater corpus non valeat murmurare...». Depois, do mesmo modo, a tradução de «Non possum stare erectus et insistere orationi...» por «não pode estar direito, nem [estar] tanto na oração...» parece representar melhor a tradição textual de *Speculum Perfectionis* e do *Liber conformitatum* – neste em vez de «erectus» vem «rectus», o que poderá ter contaminado o texto que utilizou Fr. Marcos – que o «No puedo estar levantado e allegarme a la oración» do *Floreto*-1492. Por outro lado, onde o *Floreto*-1492 traz «porque no satisfazes a mi menester e indigencia» representando o «quia non satisfacis indigentiae meae» do *Speculum perfectionis* e do *Liber conformitatum*, o «por lhe não ser dado o necessario a sua fraqueza» de Fr. Marcos, ao não recolher o «mi menester e indigencia» do *Floreto*-1492, poderá dizer-se representar outra lição que não a do incunábulo sevilhano. E quando Fr. Marcos diz «o irmão corpo não pode aver todas suas necessidades, na saude ou doença, sofra...», onde foi buscar esse «ou doença» que não vem no *Floreto*-1492 que apenas traz «el hermano cuerpo no puede aver en sanidad...»? Seguramente a uma lição textual que, descendendo da *Compilatio Assisiensis* (120, 7-12) *Speculum perfectionis* (97, 6) – muito mais que da *Vita secunda* de Celano (129, 2-5) –, passava pelo *Liber conformitatum*: «frater corpus necessitates suas in sanitate et infirmitate habere non potest...». Finalmente, não parece igualmente poder atribuir-se apenas a uma técnica de tradução que, nas *Chronicas*, para dar o «[frater corpus necessitates suas in sanitate et infirmitate habere non potest] dum humiliter et honeste petierit a fratre vel prelato suo amore Dei et sibi non datur, sustineat, amore Dei, patienter, qui etiam sustinuit...» se tenha optado por «pedindoa a seu prelado por amor de Deos, e não lha dando, sofra com paciencia, por amor de Iesu Christo que tambem buscou e não achou quem o consolasse...». Evidentemente, não é do *Floreto*-1492 que Fr. Marcos recebe essa lição. Do *Liber conformitatum*? Seria uma possibilidade – até poderia ser que dele recebesse Fr. Marcos aquele «sofra com paciencia, por amor de Iesu Chirsto» que o *Liber conformitatum* dá como «sustineat amore Domini patienter...» – , só que teremos de ter em atenção – ainda que tal não seja absolutamente decisivo – que o cronista remete

exactamente – embora hoje, em parte pela utilização de edições e manuscritos que desconhecemos, as suas remissões nem sempre sejam absolutamente fiáveis – para a compilação peninsular e não, como outras vezes, para a obra de Bartolomeu de Pisa, com cuja lição, aliás, não coincide em muitos outros detalhes. Haverá, porém, que ter igualmente em atenção que, como acontece em outras ocasiões, Bartolomeu de Pisa retoma, parcialmente, (II, 7º, XIX in ordine, 243v) o mesmo texto e aí dá para «vigiliis» («Frater corpus vellet esse negligens et pigrum, vel somnolentum in oratione, vigiliis et...») um equivalente «jejuniiis» – «frater corpus vellet esset negligens, et pigrum, vel somnolentum in oratione, jejuniiis et ...» – que também traz Fr. Marcos... O que, uma vez mais, pode muito bem querer dizer que, tal como nas variantes anteriores, tenha tido presente uma lição do «Floreto» que não a de 1492, lição esta que, em alguns momentos, coincidia com a do *Liber conformitatum*...

5

O texto seguinte poderá permitir tornar um pouco mais válidas as sugestões que vimos fazendo. Trata-se do conhecido texto – e de grande fortuna na tratadística de espiritualidade sobre a obediência religiosa – sobre o «De perfecto modo obediendi» e do exemplo com que o mostrava S. Francisco tal como o narra o *Speculum perfectionis* (47, 48), se bem que pode também encontrar-se, com algum matiz, na *Legenda Maior* (6. 4). Aliás, o cronista português conhecia muito bem e seguia, como se sabe, o texto de S. Boaventura, mas também aqui parece ter preferido lançar mão de outra lição textual.

«Irmãos meus muy amados (lhes dizia) a primeira palavra ouvida da obediencia, logo a cumpri, nem espereis que outra vez vos seja a obediencia posta, nem vos escuseis como de cousa impossivel, ou a que não sois obrigados, porque ainda que eu vos mande cousa sobre as vossas forças a obediencia vos daria forças pera a fazer. E rogandolhe os frades, que lhes ensinasse a perfeita obediencia, respondeo: Difficilmente

«Dezia el muy sancto Padre a sus frayles: “A la primera palabra cumplid el mandamiento e non esperedes que os sea dicho dos vezes, no canséys ni acatéis estar en el mandamiento cosa alguna de imposibilidad. Porque si sobre las fuerças vos mandasse la sancta obediencia, no carescerá de fuerças”³⁹. Onde, una vegada, assentándose con sus compañeros, dixo así: “Apenas es religioso en todo el mundo tan

³⁹ A lição original do *Floreto*-1492 carece aqui de pontuação: a querer introduzir alguma, talvez fosse melhor pontuar diferentemente: «porque si sobre las fuerças vos mandasse, la santa obediencia no carescerá de fuerças», em que o sujeito de mandasse tanto poderá ser um «yo» como a própria «santa obediencia», o que permitiria não alterar a aparente ambiguidade da lição original. Conf. *Floreto de São Francisco...* (edição fac-similada), Porto, 1988, [56].

se acha religioso tão perfeito, que obedeça perfeitamente a seu prelado, e poslhe hũ exemplo do corpo morto. Tomai um corpo sem alma, e pondeo onde quiserdes, e veloeis não contradizer, nem resistir se o mudão, nem murmurar se o assentão, nem se queixar se o deixão. E se o assentarem em hũa cadeira, não olha pera cima, mas pera baixo; se o vestirem de purpura, então fica mais amarelo, e descorado. Este he o verdadeiro e perfeito obediente, que não julga porque he mudado, nem tem cuidado onde sera posto, nem porfia porque o mudem, e se lhe dão algum officio, não deixa a costumada humildade, e quanto mais honrado he, tanto se tem por mais indigno».

Chronicas, I, 1, 28, 24r.

perfecto que obedesca bien a su perlado”.

E luego los compañeros dixeron: “Dinos, Padre, qual sea la perfecta obediencia?”, y él les dixo: “Toma el cuerpo sin ánima e ponle onde quieseres, e verle as no repunar movido, ni murmurar assentado, non reclinar dexado. El qual si en cáthedra sera assentado, no mirará las cosas altas, mas a las baxas; si sea assentado o colocado en purpura, con el doblo se amarillece. E aqieste es verdadero obediente, el qual porque sea movido no juzga donde será colocado, no cura aunque dende sea mudado, no cobdicia ser promovido a officio, tiene la acostumbrada humildad quando [40] más es onrrado a tanto más indigno se reputa”.

Floreto, II, 49, 495-496.

Os textos postos em paralelo indicariam, à primeira vista, que Fr. Marcos estava a seguir, de muito perto, a lição do *Floreto*-1492. As pequenas variantes – em que algumas relevam de omissões – poderiam atribuir-se ao tradutor. Mas há que ter em consideração que o cronista português não aponta o texto da compilação ibérica como fonte sua, mas, sim, – ainda que de um modo geral no começo do capítulo – S. Boaventura e Bartolomeu de Pisa, autores em que, efectivamente, aparece, total ou parcialmente, o texto que nos importa. No entanto, como é facilmente comprovável, a *Legenda maior* (6, 4-13), se traz a comparação do verdadeiro obediente com um «corpo sem alma» («examine»), não oferece o que tanto nas *Chronicas* como no *Floreto*-1492 se diz da necessidade da prontidão da obediência para que esta seja considerada perfeita. O mesmo se diga do *Liber conformitatum* (I, 12º, 179v) que remete explicitamente para a *Legenda maior* e para a *Legenda antiqua*, um célebre título que voltaremos a encontrar. Deste modo, para além da comparação do verdadeiro obediente com um «corpo morto» que aparece,

40 O original do *Floreto*-1492 oferece, efectivamente, a lição «quando», mas, examinado o original latino – «plus honoratus, plus reputat se indignum» (LM, 6, 4), (SP, 48,5) – parece evidente falha por «quanto», exactamente como traz Fr. Marcos; Conf. *Floreto de São Francisco...*, (edição fac-similada), Porto, 1988, [56].

sem variantes significativas, nas três fontes, o texto do *Floreto*-1492 poderia aparecer como a fonte mais precisa do texto das *Chronicas*. Contudo, se repararmos, o *Floreto*-1492 suprime o «Irmãos meus muy amados» com que Fr. Marcos inicia o seu texto e que, não aparecendo nem em *Legenda Maior* (6, 4) nem no *Liber conformitatum* (I, 12^o), marca o início das palavras de Francisco na lição do *Speculum perfectionis* (47,1) – «Frates carissimi, primo verbo preceptum implete...», do mesmo modo, onde o incunábulo sevilhano põe «Porque si sobre las fuerças vos mandase la sancta obediencia, no carescerá de fuerças» – aliás, com a supressão de, além do mais, um «yo» («ego») que torna o texto mais ambíguo –, as *Chronicas* trazem «porque ainda que eu vos mandasse cousa sobre vossas forças, a obediencia vos daria forças pera a fazer», o que corresponde exactamente ao «quia et si supra vires ego vobis mandarem sancta obedientia viribus non carebit» do *Speculum perfectionis* (47, 2). Na mesma sequência, em 1492, não aparece «e pos-lhe hum exemplo do corpo morto» que corresponde perfeitamente à lição do *Speculum perfectionis* (48, 2) – «verum et perfectum obedientem sub figura corporis mortui descripsit» –. Finalmente, no próprio exemplo, onde o *Floreto*-1492 diz que o «verdadero obediente [...] no cobdicia ser promovido a officio», Fr. Marcos, retomando o «verum et perfectum obedientem» do *Speculum perfectionis* (48, 2), põe «o verdadeiro e perfeito obediente[...] se lhe dão um officio não deixa a costumada humildade...» que corresponde muito mais exactamente à lição textual do *Speculum perfectionis* – [verus obediens] promotus ad officium solitam tenet humilitatem...» (48, 5) –, ainda que, no lugar já citado, a *Legenda maior*, em lição que muito naturalmente repete o *Liber conformitatum*, ponha «evectus ad officium, solitam tenet humilitatem...». Cremos não ser difícil aceitar que, como nos outros, também neste caso Fr. Marcos recorreu a um texto do «Floreto» que não era o impresso em 1492.

6

Ao dedicar um capítulo a mostrar «Como queria o sancto Padre, que em todas as cousas dos frades reluzisse a sancta pobreza» (*Chronicas*, I, 1, 33), Fr. Marcos poderia recorrer, para encerrar esse capítulo – entretecido com outros textos da mesma fonte – à compilação franciscana impressa em Sevilha em 1492. Confrontemos os textos, sendo bem recordar que, em 1492, o texto castelhano fecha igualmente o capítulo em que se encontra (II, 119).

«Ao Bispo de Assis que hũa vez disse a S. Francisco: Dura cousa me parece, e muy trabalhosa e aspera vossa vida, não ter nenhũa cousa de que vivais. Respondeo o pobre de Christo: Senhor se tevermos fazenda, sernos hão necessarias armas pera a defender, e della nos nascerão de-

«Mas el Obispo de la çibdad de Assis, al qual yva muchas vezes sant Francisco por consejo, reçibiéndolo benignamente, díxole: “Dura paresçe la vuestra vida, conviene a saber, no posseer alguna cosa en el siglo”. Al qual respondiô sant Francisco: “Señor, si possessiones toviéssemos, sernos

fferenças, demandas, negoços, e mil impedimentos pera o amor de Deos, e principalmente do proximo, por tanto temos por melhor, não querer neste mundo possuir algũa cousa, e nosso Senhor fará que por isso sejamos amados de todos, e nos mantenhão com suas esmolas»

Chronicas, I, 1, 33, 26v - 27r.

Eliminemos, sem nos demorarmos a investigar as razões por que o cronista português e o compilador – ou compiladores – castelhano acrescentaram, como fecho de capítulo, declarações – «e nosso Senhor fará que por isso sejamos amados de todos, e nos mantenhão com suas esmolas» – ou gestos de Francisco – «muchas vezes quando sant Francisco comía com los frayles, ponía çeniza en los manjares que comía» – que pertencem a outros capítulos. Sabemos que a fonte do *Floreto*-1492 vem quase no final do capítulo IX – «De modo vocationis fratris Sysvestri et de visione quam habuit ante ingressum ordinis» – da *Legenda trium sociorum* (35), se bem que possa ler-se também, com ligeiras variantes, no fim – igualmente – do capítulo «De primo loco ubi morati sunt et de persecutione parentum suorum» do *De inceptione vel fundamento ordinis* (17) do «Anonymus perusinus», capítulo esse que o compilador – ou compiladores – castelhano não aproveitou, ele que tantas vezes não olhou a repetições.

Notemos ainda que, se o texto castelhano segue, de um modo muito cerrado, a lição textual representada pela *Legenda trium sociorum* – aliás, de um modo geral, também seguida de perto pelo *Liber conformitatum* (II, 4º, 220) –, nele não se recolheram as consequências das «quaestiones e lides» («quaestiones et lites») que tanto a *Legenda trium sociorum* como o *De inceptione vel fundamento ordinis* apontam quase com a mesma fórmula: «soletque ex hoc amor Dei et proximi multipliciter impediri» (*Legenda*, 35, 7), «solet inde dilectio Dei et proximi impediri» (*De inceptione*, 17, 8). Parece, portanto, ser aceitável pensar que Fr. Marcos de Lisboa não recorreu ao *Floreto*-1492, pois nele não se expressam tais consequências. Poderia tê-las lido no *Liber conformitatum* que, como se sabe, também neste ponto, segue, de muito perto, a lição da *Legenda trium sociorum*. No entanto, estamos em crer que não é desta lição comum a esta *Legenda* e à obra de Bartolomeu de Pisa que Fr. Marcos se serve, ele que não aponta que ao bispo de Assis «pro consilio frequenter ibat vir Dei, benigne ipsum recipiens...» (3 *Soc.*, 35, 6), isto é, segundo o *Floreto*-1492, «yva muchas vezes sant Francisco por consejo, recibendolo benignamente». Também o *Liber conformitatum* não o aponta... e o *De inceptione*... também não... Deste modo, parece ser fácil aceitar que Fr. Marcos seguia uma lição que, diferente da transmitida pela *Legenda trium sociorum*, era comum ao *De Inceptione*... e ao *Liber conformitatum*...

yan necessarias armas para nuestro defendimiento, ca dende nasçen las quæstiones e lides».

E plugo mucho al Obispo esta respuesta. Muchas vezes quando sant Francisco comia com los frayles, ponía çeniza en los manjares que comía».

Floreto, II, 119, 622.

Por outro lado, segundo o *Floreto*-1492, o bispo de Assis julgava a vida de Francisco e dos seus («vuestra vida»), apenas «dura», enquanto na *Legenda trium sociorum* (35, 5) e no *Liber conformitatum* essa vida «dura mihi videtur et aspera», qualificativos que se encontram igualmente no texto das *Chronicas*. Contudo, no texto de Fr. Marcos o rigor da «vida» de Francisco parece ao bispo não só «dura et aspera», mas também «muy trabalhosa», qualificação que, aparentemente, não se encontra em qualquer das fontes que vimos apontando. Curiosamente, porém, o «Anonymus perusinus» (17, 7) intensifica essa qualificação com um «multum» («dura multum et aspera»), donde o «muy trabalhosa» bem poderia ter a fórmula encontrada por Fr. Marcos para traduzir – se não a encontrou já traduzida – a lição do texto, mais próximo do *De inceptione*, que estava a seguir.

E um pouco mais. Como a *Legenda trium sociorum* (35, 6) e o *Liber conformitatum* («Domine, si possessiones aliquas haberemus, nobis essent necessaria arma ad protectionem nostram»), o *Floreto*-1492 traz à letra: «Señor, si possessiones toviésemos, sernos yan necessarias armas para nuestro defendimiento». Ora, Fr. Marcos apresenta uma versão («Senhor, se tivermos fazenda, sernos necessárias armas para a defender») que corresponde exactamente à do *De inceptione* (17, 8)...: «Domine, si possessiones aliquas haberemus, arma ad protegendum necessaria nobis essent», em que as armas seriam necessárias para defesa da fazenda e não «ad protectionem nostram», isto é, «para nuestro defendimiento».

E aqueles «mil impedimentos» da lição de Fr. Marcos não poderão corresponder mais precisamente ao «plurimae» com que o «Anonymus perusinus» (17, 8) intensifica as «quæstiones et lites» que se seguiriam da posse de bens («oriuntur inde quæstiones et lites plurimae, et solet dilectio Dei et proximi impediri») do que ao «multipliciter» com que a *Legenda trium sociorum* (35, 7) e o *Liber conformitatum* intensificam o «impediri» («inde oriuntur quæstiones et lites soletque ex hoc amor Dei et proximi multipliter impediri»)?

Mesmo que possa discutir-se esta última proposta, cremos que parece evidente que, igualmente neste passo das suas *Chronicas*, Fr. Marcos de Lisboa não seguiu a lição do *Floreto*-1492, mas, sim, a de outro «Floreto» em que andaria compilado esse capítulo do *De inceptione*...

7

É bem conhecido que o amor e reverência de Francisco de Assis à Eucaristia chegou a determinar as suas opções pelo país do seu apostolado – «eligo provinciam Francie [...] maxime quia inter alios catholicos sancte Ecclesie reverentiam magnam exhibent Corpori Christo...» (*Comp. Assis.*, 108, 7) – e ainda, entre outras manifestações, a decisão de prover os frades que iam em missão «cum bonis et pulchris ferramentis hostiarum ad faciendum hostias» (*Comp. Assis.*, 108, 17). Tanto *Floreto*-1492 como as *Chronicas da ordem dos frades menores* deram, naturalmente, atenção a este factos. Teria Fr. Marcos seguido a lição do *Floreto* sevilhano? Tentemos verificá-lo, ainda que saibamos que, se nos fiassemos nas suas remissões para as suas fontes,

neste caso, cronista não assinala a compilação peninsular como fonte desse capítulo em que discorre «Da fervente charidade que São Francisco tinha a Iesu Christo, e aos seus sanctos» (*Chronicas*, I, 1, 41), mas, unicamente, a *Legenda maior* e as *Conformidades*. Curiosamente, S. Boaventura não parece ocupar-se do caso preciso que aqui nos serve para tentar responder à questão que nos interessa – o envio de vasos sagrados e bons ferros para fazer hóstias – e o *Liber conformitatum*, tanto quanto pudemos controlar esse *mare magnum*, se alude ao contexto em que tanto a *Compilatio Assisiensis* (108, 17) como o *Speculum perfectionis* (65) inserem essa referência ao cuidado e preocupação que punha Francisco na decência do culto da Eucaristia, não parece que diga algo sobre esses envios, ainda que aluda (I, 12º, 176r) quer a com quanta «*efficatia inducit fratres ad reverentiam corporis et sanguinis domini*» – remetendo para uma da «Admonitiones» em que Francisco trata «*De fide et reverentia habenda ad sacramentum altaris...*» (I, 12º, 177r) – quer, depois à recomendação que se encontra no mesmo contexto na *Compilatio Assisiensis* e no *Speculum* a que «*verba divina in terra reperta loco congruo ponantur*» (I, 12º, 176r). Assim, Fr. Marcos estando a seguir, nesse capítulo, de modo muito próximo, a *Legenda maior* (9, 2), depois de referir a altíssima reverência que S. Francisco tinha para com a Eucaristia, reverência que o teria tolhido de ser sacerdote, Fr. Marcos junta, tal como o *Floreto*-1492:

«E tinha encomendado a todos os ministros e frades que pollas provincias em que moravão tevessem cuidado de amoestar e pregar ao povo e clerigos e sacerdotes que tevessem o corpo do Senhor em lugar conveniente, limpo e reverencial, e as igrejas e altares onde he offerecido, fossem muy limpos e ornados. O que tornava sempre a encarregar nos capitulos aos frades e disto fez particular menção em o testamento e memorial que aos frades deixou. E algũas vezes mandou frades pellas igrejas com bons ferros de hostias pera as fazerem aos sacerdotes...».

Chronicas, I. 1, 41, 32r.

«Ca sant Francisco tanta reverencia e devoción avía en el cuerpo de Ihesu Christo, que Quiso escribir en la Regla que los frayles en las provincias que morassen, toviessen ende cuydado, e amoestassen e predicassen a los clerigos e sacerdotes que pusiessen el Cuerpo de Ihesu Christo en lugar honesto e bueno. [...] E comoquier que no escribiesse estas palabras en la Regla, porque a los frayles ministros no era visto bueno que los frayles oviessen esto en manda-miento, empero el sancto Padre quiso revelar su voluntad de questas cosas a los frayles en su Capítulo y en otros sus escriptos. E algunas vezes quiso enviar a algunos frayles por todas las provincias con buenos fierros e fermosos de hostias para las fazer».

Floreto, II, 69, 525-526.

Independentemente das notórias diferenças, por omissão, do texto de Fr. Marcos em relação à lição do *Floreto*-1492 – e os parágrafos que omitimos, por irrelevantes para o nosso interesse, são disso uma importante amostra – há algumas referências no seu texto que não brotam dessa fonte. De qualquer modo, o que importa relevar aqui é que Fr. Marcos parece estar a seguir um texto que, tal como a *Compilatio Assisiensis* e o *Speculum perfectionis* – «tamen sanctus pater in Testamento suo et aliis suis scriptis fratribus relinquere voluit de hiis voluntem suam» (*Comp. Assis.*, 108, 17) / «tamen in testamento suo et in aliis suis scriptis voluit relinquere fratribus voluntem suam de iis» (*Spec. Perf.*, 65, 11) –, referia o «Testamento» – considerado como um «memorial», termo com que se anota o justo valor do último documento de Francisco como o de uma última recapitulação da sua vida e das suas propostas –, termo que não se encontra na lição desse passo do *Floreto*-1492, pois, ao parecer, «capítulo», mesmo no século XV, não se regista com o sentido de “testamento”. J. Corominas, pelo menos, não o atesta.

8

Deixando de parte muitas outras passagens em que poderia discutir-se, pela sua não evidência imediata, a lição textual que segue Fr. Marcos – e nem todas as variantes entre o seu texto e o do *Floreto*-1492 poderão atribuir-se quer a técnica de tradução quer à conjugação de diversas fontes, especialmente, as que dizem respeito a questões numéricas (quantidades de frades..., de demónios, dias de doença..., etc. –, fixemo-nos em uma outra passagem em que, segundo cremos, o cronista franciscano tem presente outra lição de um texto próximo do *Floreto*-1492, sem que com este se identifique. É o caso da célebre «benção» enviada a Fr. Leão. Fr. Marcos narra o caso e traz o texto da «benção» no capítulo sobre «como santo padre acudia aos seus frades ausentes tentados» (*Chronicas*, I, 1, 64).

«A frey Leão estando em conflicto de grave tentação do demonio, mandou o sancto Padre hum escrito de sua mão que elle desejava, e em recebendo e lendo devotamente o escrito, ficou livre da tentação, e com o mesmo scrto livrou a outros muitos. E o escrito era este. *Sic benedicetis filiis Israel et dicetis eis. Benedicat tibi Dominus et custodiat te. Ostendat Dominus faciem suam tibi, et misereatur tui. Convertat Dominus vultum suum ad te, et det tibi pacem.* Dete o Senhor sua benção, e guardete, volva a ti sua face, e aja de ti misericordia volva sua face a ti, e dete paz, o Senhor te de a benção. frey Leão. Amen. São palavras e benção de Deos tiradas do livro dos Numeros».

Chronicas, I, 1, 64, 45r.

«Las palabras yuso escriptas embió sant Francisco a fray León, estando el dicho fray León en grand temptación e tribulación, el qual luego que recibió la Escripura de la mano del santo Padre, le dexó toda la temptación.

“ Bendígate el Señor e guárdete, buelva la su faz a ti e aya misericordia de ti, vuelva la su faz a ti e dete paz, el Señor te bendiga, fray León”».

Floreto, II, 113, 607-608.

Não discutamos aqui a má compreensão que, nas primeiras linhas, Fr. Marcos revela da proximidade de Fr. Leão em relação a Francisco, julgando-o nesse momento ausente, quando sabemos por Tomás de Celano (2C49) e, ainda que um pouco mais abstractamente, por S. Boaventura (LM, II, 9) que Fr. Leão se encontrava com Francisco no Monte Alverna e por ele foi chamado para o ditado das «verba Domini et Laudes eius». É possível que haja um sobreposição (e confusão) de circunstâncias com as da *Epistola ad Fratrem Leonem*, em que, efectivamente, encontrando-se Fr. Leão longe de Francisco, este, por essa carta, permite-lhe que, quando quiser, venha até junto dele. Mas, o que nos importa aqui, é sublinhar que essa má compreensão não resulta do seguimento do texto do *Floreto-1492*, já que este, no seu resumo, reproduz com exactidão quer o que diz Celano quer o que repete S. Boaventura. Por outro lado, o *Floreto-1492* não dá o texto latino da bênção e este não coincide com o que vem no *Liber conformitatum* (II, 6º, 237 v e II, 26, 278r). E ainda que pudéssemos defender que a tradução que apresenta Fr. Marcos está muito próxima da do *Floreto-1492* – um texto tão breve e tão simples e tão conhecido não se prestava a muitas variantes de tradução –, não podemos esquecer que o «Amen» com que Fr. Marcos encerra o texto em vulgar da bênção não aparece na lição do *Floreto-1492* nem na do *Liber conformitatum*. E onde colheria Fr. Marcos a precisa referência à origem bíblica do texto da bênção? Ciência sua? Nada há que nos impeça de o pensar, devido à sua formação e estudos, mas para isso foi-lhe necessário ter encontrado o texto latino em causa em outra fonte que não o *Floreto-1492*, que é, convém não o esquecer, o que principalmente nos interessa neste momento.

9

O texto seguinte representa um caso curioso em que a comparação textual revela quase imediatamente que também agora o cronista tinha presente outra lição da compilação franciscana peninsular – para que remete o seu leitor, tal como lhe assinala as *Conformidades* – que não a do *Floreto-1492*. Com efeito, para escrever o capítulo sobre «hu~a grandíssima tentação de frey Rufino da qual o livrou o santo padre» (*Chronicas*, I, 1, 65), o cronista remete, como em outros muitos casos, para essas duas obras. E se no *Liber conformitatum* (I, 8º, 63v) se conta essa «grandíssima tentação», de um modo algo resumido e nem sempre coincidente com a lição de *Actus beati Francisci* (33) – omitindo, por exemplo, algumas expressões em vulgar de Francisco –, no *Floreto-1492* a lição apresentada em tradução está mais próxima – o que não quer dizer coincidente – da do original latino da lição mais vulgarizada de *Actus*. Comparemos, então, com a lição do *Floreto-1492* o que desse capítulo das *Chronicas* releva para o nosso propósito mais imediato.

«... O frey Rufino não creas a Sathanas, não sabes tu que frey Francisco he na terra como Anjo de Deos, por quem o Senhor Deos trouxe e traz tantas almas a sua salvação, e não cessa de alumiar per elle o mundo? Não conheces quantas merces e graças divinaes temos per elle recebidas de Deos? Pois eu quero que em toda a maneira vas a elle, porque eu te vejo claramente enganado do demonio. E sahiose frey Rufino da cella, e veiose com frey Masseo ao padre S. Francisco. E como o vio o sancto disselhe. O frey Rufino cativelo, quem ouviste, a quem foste crer? E contoulhe per ordem toda sua tentação interior e exterior, declarandolhe como aquelle era o diabo que lhe apparecera, e não Christo».

Chronicas, I, 1, 65, 45v.

«... Entonces fray Masseo lleno de Espiritu Sancto, discerniendo claramente el engaño del enemigo antiguo, dixo: "O fray Rufino, no sabes tu que fray Francisco es como ángel de Dios, el qual alumbró tantas ánimas e no çesa de alumbrar de cada día en el mundo e del qual aún nos recibimos tantos dones de la gracia divinal? Pues quiero de todo en todo que tu vengas a él, porque yo te veo claramente engañado del diábolu".

Por lo qual, luego fray Rufino salió de la çela para venir al sancto, al qual como de lueñe viesse sancto Francisco començó a llamar, diciendo: "O fray Rufino, cativillo!, a quién oýste e creýiste? E toda la temptación que oviera de dentro, de fuera le rezó, e dixo, añadiendo que aquel que las sobredichas cosas le imprimiera, el diablo era e no Ihesu Christo»

Floreto, II, 113, 609

Recordemos, em primeiro lugar, que tanto a lição do *Floreto*-1492 como a das *Chronicas* não correspondem, como já assinalamos, exactamente à lição de *Actus* (33, 12) actualmente mais vulgarizada, que, até 1995, era, unicamente, como se sabe, a de Jacques Cambell⁴¹. Aqui importa apenas chamar a atenção para a lição «cativelo» das *Chronicas* – diante do «cativillo» do *Floreto*-1492. Só por si, esse «cativelo», que reproduz exactamente o «cattivelle» de *Actus* – a lição das *Fioretti* traz igualmente «cattivello»⁴² –, não só que aproxima mais do texto original a lição portuguesa oferecida por Fr. Marcos, mas também parece suficiente para garantir que, independente de qualquer técnica de resumo que possa ter

⁴¹ A outra edição é a oferecida, com uma ampla introdução, por Enrico Menestò in *Fuentes Franciscani*; porém, a lição deste capítulo (33) não apresenta alteração.

⁴² Além da edição das *Fioretti*, dada pelos curadores da edição de *Actus* por J. Cambell, pode consultar-se a edição, com uma límpida introdução, de Felice Accrocca (PIEMME, 1997), que oferece a lição quatrocentista conservada no ms. Gaddi 112, da Biblioteca Mediceo-Laurenziana, onde, igualmente, se lê (138) «cattivello», confirmando a difusão dessa lição.

praticado o cronista ou a sua fonte, a lição das *Chronicas* não depende da do incunábulo sevilhano. Independentemente do que possa vir a apurar-se sobre esse «cativello», há que dizer que a palavra, de forte tinta italiana, aparece registada em algum grande dicionário português.... mas, infelizmente, sem consequências esclarecedoras⁴³. No entanto, apesar da lição que a tradução portuguesa – feita sobre uma versão castelhana – da *Chronica XXIV generalium Ordinis minorum* oferece desse episódio também trazer esse supreendente «cativello», não foi desta obra, como à primeira vista poderia supor-se, que Fr. Marcos se serviu, como prova uma comparação de textos⁴⁴ ... Mais adiante, Fr. Marcos (*Chronicas*, I, 1, 76, 52v) oferecerá para outros «captiveille» que Francisco aplica a si próprio (*Actus*, 8, 11 e 12), uma lição diferente, já que dá a sua tradução – «mesquinho e miserável» – onde o *Floreto*-1492 traz, de novo, por fidelidade ao texto original, «cativillo». Nem necessário seria dizer que, independentemente de alguma variante, o *Liber conformitatum* (I, 8^o, 63v) não apresenta esse «captiveille» que, ao parecer, Francisco usava muitas vezes, e que passou ao texto do «Floreto» que Marcos de Lisboa, em mais este caso, utilizou.

Digamos ainda, em abono da nossa proposta, que nesse capítulo a que pertence o texto que analisamos, Fr. Marcos, em passagem que não seleccionamos, diz «era isto [a tentação de Fr. Rufino] no lugar de Carceres, no monte Subasio, perto de Assis», localização precisa que não se encontra no *Floreto*-1492, que se limita a dizer, mais imprecisamente, que «en el lugar de Monte Subasio» (I, 113, 609), omitindo não só «Carceres», mas também o «perto de Assis» («prope Assisium») que vem na lição latina mais vulgarizada, e que é igualmente comum ao *Liber conformitatum*.

10

Continuemos esta série de exemplos com a comparação da lição textual de todo um capítulo das *Chronicas* – «Doutro aparecimento feito ao santo padre» (I, 1, 84) – con a do correspondente do *Floreto*-1492 – «Como Ihesu Christo e la bienaventurada Virgen, e sant Juan Baptista y el Evangelista com muchedumbre de ángeles fablavan com sant Francisco

43 Fr. Domingos VIEIRA, *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, Porto, 1873, regista (II, 146, *subvoce*) «cativello», remetendo, porém, para «captiveillo», voz que, no lugar que lhe corresponderia, não aparece.

44 *CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES*... ed. cit., I, 88: «E logo frey Rufino veuo a sam Francisco. O qual veendo sam Francisco viir longe começou de o chamar, dizendo: Oo frey Rufino cativello, a quem criste? E disse-lhe o barom santo toda a tentação de dentro...»: o mesmo se diga daquele «cativellos» com que Fr. Junípero, segundo a lição da mesma *Crónica*, increpa os que o conduziam à forca e que, curiosamente, também mantém Fr. Marcos ao tratar de «Como o demonio fez levar a frey Junípero a forca» (*Chronicas*, I, 6, 43, 176v), embora aqui, como assinala o cronista, a sua fonte sejam essas *Chronicas antigas*, isto é, a *Chronica XXIV generalium*... como pode ler-se na tradução portuguesa (ed. cit., 100).

estando orando una vegada en una montaña muy secretamente» (I, 136). A fonte de ambos, como se já terá percebido pela titulação do incunábulo sevilhano, é o de *Actus Beati Francisci* (19) – «Qualiter Christus et b. virgo Maria et ss. Iohannes Baptista et Evangelista cum multitudine angelorum loquebantur cum b. Francisco». Convirá prevenir que, apesar do *Floreto*-1492 seguir de muito perto o texto de *Actus*, tal como o oferece a lição mais vulgarizada – que, como se sabe, não teve em conta as diversas (3) famílias textuais –, algumas vezes oferece variantes que não deverão poder atribuir-se a simples questões de tradução.

«Hum frade mancebo e de muita pureza e inocencia morava em hum oratorio, no Qual os frades não tinham mais que hu~a pobre casinha em que se recolhião, e de dia e de noite se hião a mata e bosque a fazer oração. Veo ter o padre são Francisco aquelle lugar, onde ditas as completas se recolheo primeiro que todos pera dormir, porque depois dormindo todos, se levantasse a oração toda a noite, como era seu costume. E aquelle frade determinou experimentar a oração do santo padre, como orava, e se lhe aparecia nosso Senhor, em a oração, como ouvia contar a muitos. E lançouse a dormir junto do santo, e atou a sua corda com a do santo padre, porque levantandose o santo espertasse, não se fiando do seu sono. E espertando o santo do primeiro sono muy breve que tomava, dormião todos os frades, e querendose levantar manso achou sua corda atada com a outra, desatouse e sahio tão mansamente que não foi sentido, e foise ao mais alto do monte, porque mais solitariamente orasse. Mas o frade com o cuidado com que se lançou acordou não muito depois, e não achando ali o santo padre, levantouse logo, e foise pera o monte, e correo

«Onde de los compañeros de esse mesmo sant Francisco se cuenta que un moço de pureza de paloma e de angelical ynocencia areado e recibido a la Orden, biviendo aún sant Francisco nuestro padre, como estoviesse en un lugarejo donde los frayles, no teniendo çelas, folgavan en el campo e allí dormían de noche e de día, vino allí sant Francisco. El qual como en la tarde, dichas completas, quasi ante todos los otros se allegasse e fuesse a dormir, porque despues de noche, durmiendo los otros, se lavantasse.

E aquel moço puso en su corazón de querer asechar cuydado-samente dónde yva sant Francisco de noche, o qué fazia quando se levantava. E porque el sueño no le burlasse, echóse cabél a dormir, e ató su cordón con la cuerda de sant Francisco porque le pudiesse sentir quando se levantasse, y en tal manera lo hizo sabiamente, que sant Francisco no paró mientes ni sintió cosa alguna de tal atamiento.

E como todos los frayles durmiesen profundamente, levantóse sant Francisco e sintiendo ser tenida la su cuerda com la cordezuela del moço, desatóla assi sabiamente quel moço no lo sintió en alguna manera.

grão parte delle ate chegar ao mais alto onde o santo estava em contemplação. E perto do lugar ouviu falar a muitos, e chegando mais pera ouvir e ver quem falava, vio hũa luz maravilhosa que de toda a parte cercava o santo varão, e na luz vio a nosso Senhor Iesu Christo, e a sua gloriosa madre, e a São João Baptista, e a São João Evangelista, e grande multidão de Anjos que estavam presentes. As quaes cousas vendo, ficou cheo de tanto pavor que caio esmorecido em terra. Acabada a oração e maravilhosa visitaçõ divina, tornando-se o santo, como ainda fazia escuro veio dar com os pes no frade que jazia como morto em terra. E avendo delle compaixão, tomou em seus braços como bom pastor a sua ovelha, e trouxeo ao lugar dos frades. E depois que tornou em si, soube delle como vira aquella visã, e poslhe obediência, que a ninguem o descobrisse em sua vida. E assi o teve em secreto ate a morte do santo padre, e depois contava isto pera gloria de Deos e de seu santo, dando Fê ao que contava a perfeiçõ de vida em que este religioso viveo, e acabou na religiã.

Chronicas, I. 1. 84, 58r.

E fuesse a un monte donde cerca del lugar estava una montaña muy hermosa para que solo vacasse allí en la oraciõ e contemplaciõ.

Mas el moço, el qual con grand cuydado deseava saber los fechos de sant Francisco, como despertando fallasse la cuerda del santo desatada de la su cordezuela, luego se levantó por asechar al santo así como lo avía propuesto. E como hallasse la puerta por donde entravan a la montaña abierta, pensando que por allí avía salido sant Francisco, luego entró a la montaña e anduvó fasta la altura del dicho monte donde sant Francisco se avía puesto a orar. E como fuesse alongado algúnd tanto dél, oyó que hablaron muchos, por lo qual allegándose poco a poco a aquellas bozes porque pudisse oír más claramente las cosas que hablaban. E vido una luz maravillosa, la qual cercava de cada parte a sant Francisco, y en essa luz vido a Ihesu Christo e a la bienaventura Virgen Santa María e a sant Juan Baptista y a sant Juan Evangelista e muy grand muchedumbre de ángeles, que fablavan com sant Francisco.

Las quales cosas todas mirando aquel moço e tremiendo, oyendo e viendo estas cosas com pavor, cayó quasi muerto en la carrera por donde sant Francisco avía de tomar.

E acabada la habla tan maravillosa, sant Francisco tornábase al lugar. E en essa tornada, como fuese aún noche profunda, falló com los pies al dicho moço Quasi muerto que yazía en la carrera. Al qual el santo Padre aviendo compassiõ e

levantándole en los piadosos brazos suyos propios, assí como el buen pastor lleva la su oveja, e assí tornó-le al lugar. E sabiendo después dél que avía visto la visión sobredicha, mandóle que no lo dixesse ni descu-briese a ninguno mientras quél vivi-ese, el qual mientras quel santo Padre bivió, siempre lo tuvo en secreto, se-gúnd quél gelo avía mandado. Mas después de su passamiento, todas las cosas sobredichas reveló.

E aquesse moço creció en grand gracia e devoción de Dios e de sant Francisco, e fue fecho ombre valiente, e acabó en grand perfección en la Orden».

Floreto, II, 136, 711-712.

À primeira vista, a comparação das duas lições pareceria revelar que Fr. Marcos seguiu a lição do *Floreto*-1492, pois alguns casos de *amplificatio* e outros de *reductio* que se verificam no texto das *Chronicas* em relação ao do impresso sevillhano poderiam, com alguma credibilidade, atribuir-se a técnicas de tradução. Em algum caso Fr. Marcos explicitaria, em outros sintetizaria essa lição que tinha presente. No entanto, em alguns desses casos podemos verificar que a mesma lição aparece em outras versões textuais, quer de *Actus* – e só pudemos utilizar a lição mais vulgar dada pelas edições mais recentes – quer de algumas das suas traduções representadas pelas *Fioretti*, já que estas parecem poder contribuir para a solução de alguma questão deste caso.

E dentro desta óptica, seria mesmo muito interessante poder verificar a quem – e, logo, em que data e por que razão – se há-de atribuir que esse «puer quidam, puritate columbina et angelica innocentia» venha na lição de Fr. Marcos apresentado como «hum frade mancebo, e de muita pureza e inocencia». E isto não apenas por uma questão de tradução, mas por nos recordarmos da polémica que percorreu boa parte das reformas peninsulares do século XV acerca da admissão ou do serviço de «mancebos» na ordem, e de que um bom exemplo são as respostas, não isentas de polémica, de Fr. Lope de Salazar y Salinas sobre esse ponto na reforma villacreciana⁴⁵.

⁴⁵ Lope de SALZAR Y SALINAS, *Primeras satisfacciones*, 7 [«Que recibimos chicos a la orden»] in *Introducción a los orígenes de la Observancia en España. Las reformas en los siglos XIV y XV* in *A. I. A.*, XVII (1957), 800-804. Havemos que confessar que ignoramos se esta polémica tem qualquer relação com a que era concomitante entre conventuais e observantes sobre o receber crianças na ordem, que coa em muitas propostas de signo observante – como as de Giovanni da Capistrano –, como refere Fr. Marcos de Lisboa, *Chronicas...*, ed. cit., III, I, 30, 17r; III, I, 57, 33v *et passim*.

De qualquer modo, se não nos foi possível encontrar tradição textual para aquela «pobre casinha em que se recolhião» os frades nesse «oratorio» – tanto *Actus* como as *Fioretti* quer na lição oferecida pelos curadores da edição de *Actus* de Jacques Cambell quer na edição de Veneza, 1509⁴⁶, quer ainda o *Floreto*-1492 apontam que, nesse «loceolo» / «luogo piccolo» / «lugarejo», «fratres in campolectis propter penuriam quiescebant» / «frati per necessità domivano in campoletti»⁴⁷ / «dormivano in campo senza letti» (1509) / «los frayles, no teniengo çelas folgavan en el campo e allí dormian de noche e de día» – também não cremos que Fr. Marcos tenha «inventado» a situação, um tanto incongruamente, já que se aí podiam recolher-se também poderiam rezar. E as *Chronicas* dizem que «de dia e de noite se hião à mata e ao bosque a fazer oração»... A lição do *Floreto*-1492 não lhe permitia tal «tradução».

No entanto, o *Floreto*-1492, continuando a seguir de muito perto o texto de *Actus* (19, 2) afirma que S. Francisco, logo após Completas, se retirou a dormir para que «dormiendo los otros se levantasse», omitindo a tradução de «ut sepe consueverat», que Fr. Marcos traz, tal como o trazem as *Fioretti*: «come egli era usato di fare» – «come era usato de fare» (1509), hábito que, efectivamente, bem sabemos muito próprio de Francisco⁴⁸ – assim procedeu em casa de Bernardo de Quintavale que também o espiou⁴⁹...

46 A edição de Veneza, 1509, cap. XVII («Duno fratucino che observo.f.f. e como lo fratucino vide una bella visione»), s. p.

47 Felice ACCROCCA em nota (1) a este capítulo (17) da sua edição já citada das *Fioretti* (89) oferece a lição «campoletti» por «campoletti». «Generalmente – escreve – gli editori più recenti adottano la lezione: “in campoletti”, e spiegano che i frati dormivano su un comune spazio di terra. Ma la lezione “in campoletti”, conservata anche da molti altri codici, tra i quali quello del Manelli, sembra forse preferibile: in tal caso si deve intendere, come propone M. D’Alatri, che più frati si stendevano su pochi giacigli, ponendo gli uni il capo dove altri ponevano i piedi».

48 Marcos de LISBOA, *Primeira parte das Chronicas da ordem dos Frades Menores...*, ed. cit., I, 1, 21, 19v: «... E costumava em casa e fora recolher-se com os outros a dormir, e como os sentia dormir, se levantava a orar...», hábito que não parece ter ido sem «murmurações», como se vê na nota seguinte.

49 Marcos de LISBOA, *Primeira parte das Chronicas da ordem dos Frades Menores...*, ed. cit., I, 1, 8, 5v - 6r; I, 6, 1, 160r. Compreensivelmente, S. Francisco sempre se viu muito «espiado» – a começar por Fr. Leão (*Chronicas*, ed. cit., I, 1, 83, 57v; I, 2, 54, 103r; I, 6, 16, 166r) e a acabar em anónimos frades como aquele que resolveu espiar o santo quando se retirava a orar depois que sentia os outros dormir: «E depois de agasalhado no mosteiro a que foi, e ditas as completas, foise o santo a repousar primeiro que os outros. O seu companheiro com outro frade ficarão murmurando do santo, que tambem como os outros comia e dormia. E determinou este frade ver se se levantava o santo de noite a oração como dizião, e não quis dormir aquella noite por ver o que fazia. E levantandose o santo padre na segunda vela da noite, sahio dentre os frades e foise ao bosque, e o frade apos elle sem o santo o sentir, e posse em oração...» (*Chronicas...*, ed. cit., I, 1, 85, 58r). Com um pouco de cuidado, seria possível – talvez – encontrar outras referências do mesmo género que poderiam remeter para uma curiosidade, nem sempre santa – «ficarão murmurando», diz o texto –, em torno da figura de Francisco... ao nível dos frades anónimos e para além das conhecidas «murmurações» dos ministros à volta dos rigores e estilos da *Regra*.

–, mas que, neste contexto, por simples comparação com a lição do *Floreto*-1492, poderíamos ser tentados a julgar uma «pia» nota do cronista. Do mesmo modo, sem discutir se aquele «determinou experimentar a oração do santo padre, como orava, e se lhe aparecia nosso Senhor em a oração» que se propôs o «frade mancebo» pode ou não traduzir o «posuit in corde suo sollicite explorare quo iret sanctus vel quid de nocte faceret cum surgebat» – que o *Foreto*-1492 traduz à letra – diante do que dizem as *Fioretti* – «si pose in cuore di spiare sollicitamente le vie di santo Francesco, per potere conoscere la sua santità» –, também daquele «como ouvia contar a muitos» não conhecemos a tradição, tradição essa que, pelos vistos, não parece passar pelo *Floreto*-1492.

Contudo, quando Fr. Marcos aponta que S. Francisco despertou «do primeiro sono muy breve que tomava» – nota que tanto o *Actus* como o *Floreto*-1492 não dão ou não dão assim («profunde»?) – podemos ter a certeza que Fr. Marcos o encontrou na lição do texto que estava a seguir, pois nas *Fioretti* lê-se precisamente que, segundo a edição que acompanha o texto de *Actus* preparado por J. Cambell, «la notte in sul primo sonno[...] santo Francesco si leva...» ou, de acordo com a edição de 1509 (Veneza), «la notte in primo sonno [...] sancto Francesco se levo...»⁵⁰.

Passemos mais algum pormenor que quer *Actus*, quer as *Fioretti*, quer o *Floreto*-1492 anotam – como, por exemplo, o que dizem do «bosque» («silva pulcherrima»/ «la selva»/ «montaña muy hermosa») –, para fixar que tanto *Actus* (19, 7) como as *Chronicas* dizem que o «frade mancebo», depois de ter andado pelo bosque, chegou «ad dicti collis cacumen, ubi sanctus Franciscus se fixerat ad orandum», isto é, segundo a lição das *Chronicas*, «até chegar ao mais alto onde o santo estava em contemplação», nota que, omitida nas *Fioretti*, o *Floreto* dá numa lição – ambígua, pelo menos, e só absolutamente compreensível quando comparada com a de *Actus* – que Fr. Marcos não aproveitou: «e anduvo fasta la altura del dicho monte donde sant Francisco se avía puesto a orar». Efectivamente, só lendo *Actus* se percebe cabalmente que «fasta la altura del dicho monte» quer dizer «ad dictis collis cacumen».

E quando as *Chronicas* informam que o «frade mancebo» foi «chegandose mais pera ouvir e ver quem falava» com S. Francisco não é em *Actus* (19, 8) – «appropinquans ut clarius que loquebantur percipere» – nem no *Floreto*-1492 – «porque pudiesse oír más claramente las cosas que hablaban» – que colhe esse «ouvir e ver» que sublinha a grande

⁵⁰ Para o ponto de vista que aqui nos interessa, notemos que a lição das *Fioretti* seguida por Felice Accrocca (*I Fioretti...*, ed. cit., 89) traz, ainda que num contexto de notáveis variantes, a mesma lição.

curiosidade do «mancebo», mas, sim, num texto que, como o de algumas lições das *Fioretti* – a oferecida em parelo ao texto de *Actus*, pelos curadores da edição de J. Cambell⁵¹ –, traziam essa expressão: «per vedere e per intendere quello ch'egli udiva», expressão que tem logo depois, como que a sua confirmação no «aspiciens ... et audiens» de *Actus* (19, 9).

Outro tanto poderia dizer-se da primeira consequência dessa visão: o «frade mancebo» «ficou cheo de tanto pavor que caio esmorecido em terra», pois poderemos sempre perguntar se o «tanto pavor» traduz o «tremebundus» de *Actus* (19, 9) – «tremebundus hec audiens, factus in extasi, in via» – e o «tremiendo» em tradução mais complexa – «tremiendo, oyendo e viendo estas cosas con pavor, cayó casi muerto en la carrera» do *Floreto*-1492. Uma questão de «economia» de tradução a supressão de um «tremendo» ou «tremente»? Poderia discutir-se, mas teremos que nos lembrar que as *Fioretti* suprimem pura e simplesmente qualquer alusão ao tremor e ao pavor, ainda que, evidentemente, tal esteja implícito na sua lição: «cade in terra tramortito». E esta lição – «cade in terra tramortito» – não estará mais próxima da das *Chronicas* – «caio esmorecido em terra» – que do «quasi mortuus cecedit» de *Actus* (19, 9) e da sua exacta tradução no *Floreto*-1492: «cayó casi muerto»? E se repararmos que, para além daquela supressão alusiva ao «tremebundus» – «tremiendo» a que aludimos, as *Fioretti* não assinalam que, como era evidente pela sequência narrativa, o «frade mancebo» caiu «in via, per quam rediturus erat sanctus» – que também assinala o *Floreto*-1492: «en la carrera por onde sant Francisco avía de tornar» –, podemos aceitar também que a supressão dessa nota nas *Chronicas* não será da responsabilidade de Fr. Marcos, pois não a deverá ter já encontrado no texto da versão do «Floreto» que tinha presente. O que vem a seguir, na complexidade das suas alusões, não altera estas sugestões.

De qualquer maneira, tudo ponderado, quer-nos parecer que, também aqui, Fr. Marcos de Lisboa não seguiu o texto do *Floreto*-1492.

Só resta perguntar: seria mesmo nesse «Floreto» de que dispunha e que nós desconhecemos, que o cronista leu o caso desse «frade mancebo»? A pergunta tem uma razão de ser: de costume, Fr. Marcos assinala quer no início do capítulo quer em nota lateral a fonte ou fontes – nem que sejam simplesmente autoritativas, como, tantas vezes, acontece, nesta «Primeira parte» das suas *Chronicas*, com as suas remissões para o *Liber conformitatum*

⁵¹ A lição de *Questi sono li Fioreti de Sancto Francesco* (Veneza de 1509), tal como a de *I Fioretti...* editada por Felice Accrocca não trazem «per vedere e per intendere quello ch'egli udiva...», mas, sim, «per intendere quello che udiva» (1509) ou «per udire e per intendere quello que san Francesco diceva...» (Accrocca).

– de que se serve. Ora, este capítulo não traz qualquer notação de fonte. O caso não é único. Simples lapso? De todos os modos, como já sugerimos, não foi no *Floreto*-1492 – uma das suas fontes aparentemente mais acessíveis no Portugal franciscano dos anos em que compunha a «Primeira parte» das suas *Chronicas* – que colheu a matéria desse capítulo.

11

Na sua complexidade, o caso seguinte, que pode pôr questões de método de trabalho por parte de Fr. Marcos, poderá sugerir, à primeira vista, que quer o afastamento da lição do texto das *Chronicas* da do *Floreto*-1492, quer a sua coincidência com a lição do *Liber conformitatum* tanto podem derivar de uma preferência – a explicar, algum dia – de Fr. Marcos pela lição apresentada por Bartolomeu de Pisa – autor que não cita como fonte sua para o capítulo que estudaremos – como da (possível) coincidência da lição dada por este último autor com a compilação franciscana peninsular – obra expressamente aí citada – e, por sua vez, a desta com a de *Actus* (28). Comparemos as lições oferecidas pelas quatro obras para a narrativa do caso do leproso impaciente e blasfemo que Francisco converteu, isto é, o exemplo de «Como o santo padre com a humildade edificava e convertia os proximos» (*Chronicas*, I, 1, 72), «De la Segunda parte de la rubrica, conviene a saber, de la gracia que uvo sant Francisco de sanidades» (*Floreto*, II, 130), do *Liber conformitatum* (II, 5^o) que ilustra a «conformidade» «Franciscus minoratur» e «De leproso blasfemo, quem s. Franciscus sanavit in anima et in corpore».

«Como o santo padre nos serviços dos leprosos exercitasse seus frades pera que nesta escola aprendessem mortificação e humildade, ouve entre os leprosos hüm impatientissimo, perverso, e por certos sinaes visto que o demomio o senhoreava. Os frades assinados pera seu serviço pelo santo padre, o servião com toda diligencia e cuidado, mas o leproso incitado pelo demonio lhes dizia todas as injurias e doestos que se podem cuidar, e as vezes com punhadas e pancadas os tratava mal. E o que era peor que não farto dïsto se tornava contra Deos e sua gloriosa madre e seus santos, com tão grandes blasfemias que tremião as carnes dos que

«Aliud exemplum ponit Legenda antiqua. Cum enim B. F. leprosis ad serviendum suos fratres deputeret, ut viam perfectae humilitatis adiscerent, et tenerent, contigit quendam leprosum illo in tempore vivere pestilentissimum, impatientem, et protervum, et certis signis a diabolo agitatum, et quod deterius est, Dei blasphemum. Cui cum beatus Franc. fratres ad serviendum deputasset, et ipsi fratres toto conatu deservirent eidem, ille spiritu agitatu maligno, lingua sua pestifera injuriam, et impropria ipsis irrogabat: ac manu propria flagellis, et pugnibus multimodis eos verberabat, et quod est super omnia horrendum Christum benedictum, et matrem, ac sanctos

asouvião. Os frades sofrião com paciencia suas injurias e pancadas, mas não podendo sofrer as blasfemias contra Deos, se forão ao santo, e lhe contarão o que passavão com aquelle leproso. Foise o santo ao leproso, e entrando na casa onde estava o saudou, Deos te dê paz irmão muito amado. E respondeo o leproso. Que paz posso eu ter, pois Deos me tirou a paz, e todo de dentro e de fora vivo em guerra e tormento? E começou o santo padre a consolalo. Irmão meu he necessario aver paciencia, porque estes trabalhos corporaes aproveitão muito pera a salvação da alma, se com paciencia são recebidos. E o leproso respondeo. Como posso ter paciencia, que nem de dia nem de noite vivo hũa sò hora sem pena. E não sò são atormentado de minha infirmitade, mas tambem dos teus frades que me destes pera me servirem, porque nenhum me serve, mas matãome. Conhecendo o santo padre pelo Spirito santo, que era aquelle leproso atormentado do demonio, foise fazer por elle oração a Deos contra o mau spirito, com muitas lagrimas e fervor. Acabada a oração, tornou a elle, e disselhe. Irmão muito amado eu te quero servir pois os outros te não servem a tua vontade. E disse o leproso, muito embora, mas que podes tu mais fazer que os outros. E disselhe o santo, farei quanto tu quiseres. Ve agora o que queres que te faça. Quero (disse) que me laves todo, porque não posso sofrer este fedor de meu corpo. Fez logo S. Francisco aquentar agoa com ervas cheirosas, e despioo e começou

alios blasphemabat. Verum fratres de irrogatis parum curantes, blasphemiam autem Dei tolerare nequeuntes, ad B. F. iuverunt cuncta sibi per ordinem enarrantes: quibus auditis beatus F. ad dictum leprosum accessit, et ingressus ad eum dixit. Deus det tibi pacem frater charissime. Cui illi respondit. Et qualis mihi pax est: immo Deus abstulit mihi pacem: quia totus (inquit) sum marcidus. Et beatus F.: Charissime habe patientiam, quia mala; que hic corporibus inferuntur, valent ad animam salutem, si equanimiter tolerantur. At ille. Quomodo patienter possum tolerare; cum mea paena die, noteque perseveret? Nam non solum ab infirmitate comburor et crucior: sed etiam à fratribus, quos mihi in servitores dedisti, vehementer affligor; quia nullus est, qui mihi serviat, ut oportet. S. Fr. per spiritum sanctum cognoscens, quod ille a demonio vexabatur, ivit et Deum pro ipso devotè oravit, et facta oratione, redit ad ipsum infirmum dicens. Charissime; ego volo servire tibi, ex quo tu non est contentus de aliis. Et ille respondit. Placet mihi; sed qui tu plus caeteris agere poteris? Respondit beatus F. Quicquid cupis faciam. Et ille. Volo, ut laves me; quia totus feteo intantum, quod me ipsum ferre non valeo. B. F. statim fecit calefieri aquam cum herbis odoriferis, et expolians ipsum caepit suis propriis manibus lavare leprosum, et alius frater aquam desuper infundebat; et sicut corpus exterius lavando sanabat; ita suam animam mundabat interius: unde cum leprosus sanari inciperet, statim ex

de o lavar todo com suas proprias mãos, e outro frade lhe lançava agoa. E como de fora hia lavando o corpo, assi hia sarando da lepra, e de dentro alumiaava Deos, e alimpava sua alma. E começando o leproso a tornar em si livre do demonio, com grande contrição chorava muitas lagrimas e lavava sua consciencia das nodoas de seus peccados. Finalmente acabando de ser lavado, limpo, e são do corpo, tocado das mãos do santo humilde, juntamente acabou de ser limpo e são da alma, tambem pela oração do santo. E rompeo em tantas lagrimas de contrição que a altas vozes clamava dizendo que era digno de mil infernos polas blasfemias que contra Deos tinha ditas, e por sua impaciencia, e injurias que aos frades que o servião fizera. E durou quinze dias este pranto que continuamente fez que lhe sahia das entranhas da alma, com que invocava a misericordia divina, e confessouse muito inteiramente de todos seus peccados. E depois de ficar confortado e firme no Senhor, foise o padre S. Francisco daquelle lugar, temendo polo milagre o concurso da gente. E o que fora leproso e já são do corpo e da alma, enfermou dahi a poucos dias, e recebidos todos os sacramentos da igreja, finou em o Senhor. Estando o padre S. Francisco em oração no mesmo tempo em hũa montanha, appareceolhe aquella alma enlevada no ar, e mais resplandecente que o sol, e disselhe. Conhecesme padre? E perguntandolhe o santo quem era, respondeo. Eu são aquelle leproso que nosso Senhor Iesu Christo por

cumpunctione intima caepit amarissime lachrimari, et sicut corpus lavabatur aqua, et mundabatur a lepra; ita baptizabatur lachrimis conscientiae; et mundabatur ab omni iniquitate. Cum vero esset lotus, et sanatus perfecte exterius, fuit unctus, et sanatus interius; et ideo in tantam compunctionem prorupit, et lachrimas, quod altissima voce plorabat, et clamabat se dignum inferno propter injurias illatas fratribus, et pro plagis et flagellis, quae fecerat in eisdem, et propter impatientiam, et blasphemiam in Deum, et sanctos; unde per 15 dies duravit ille planctus mirabilis, qui ab intimis praecordiis procedebat, et erumpebat, et continuo nihil aliud, nisi Dei misericordiam invocabat; et cum hac compunctione, et contritione sua peccata confessus est sacerdoti. Beatus autem Fran. videns tam notum, et apertum miraculum gratias agens Deo, recessit illinc, et ad partes multum remotas accessit; ne si dictum miraculum notum fieret populo, omnes ad ipsum concurrerent; quod ipse propter humilitatem toto posse vitabat. Dictus vero leprosus post miraculosam sanitatem, et compunctionem praehabitam infirmatus est, et armatus Ecclesiasticis sacramentis, post paucos dies finivit in domino. Et cum B. Fr. in loco remoto in silva oraret, dictus leprosus iam defunctus apparuit ei speciosior sole, et in aere sublevatus dixit. Recognoscis me? Cui. S. F. inquit? Ego sum leprosus ille: quem Christus benedictus (te promerente) sanavit, et hodie vado ad regnum beatum: de quo Deo, et tibi gratias ago. Benedicta sit anima,

tua humildade e merecimentos sarou e hoje entrou no reino da gloria, por o que dou graças a nosso Senhor e ati padre, benta seja tua alma e teu corpo, bentas sejam tuas palavras e obras, porque per ellas muitas almas se salvão no mundo. E sabe que não ha dia em que os Anjos e santos de Deos lhe não dem gloria e graças, por os grandes fructos que por ti e tua ordem faz em todo mundo em seus escolhidos. Por tanto confortate em o Senhor, e persevera em o conhecimento e graça divina. E desapareceo, ficando o padre S. Francisco dando graças a nosso Senhor».

Chronicas, I, 1, 72, 49v-50r.

«Ca aconteció una vegada, que en un lugar donde los leprosos eran servidos de los frayles, era un leproso assí ponçoñoso, sañoso e cruel, que no era dubda a alguno ser commovido por el spíritu maligno, ca a los frayles que le servían, no solamente los denostava con aborrecibles denuestos e los fatigava con injurias, mas lo que era peor que los llagava con palos o con otras cosas de muchas maneras, y encima desto, lo que era mucho peor e aborrescible, blasfemava al bendito Ihesu Christo e a muy Sancta Madre e a los otros santos.

Onde como quier que aquellos frayles de las injurias e llagas a ellos fechas, estudiaron por su poder de ayuntar el mérito de la paciencia, empero las blasfemias de Ihesu Christo e de su Sanctísima Madre no las podía la consciencia dellos comportar. porque no parecienssen

et corpus tuum, et benedicta sint verba, et opera tua; quia per te multae animae salvabuntur in mundo, et scias, quod non est dies in mundo, in quo sancti Angeli. et sancti, ac sanctae Dei non referant magnam gratiam Deo de sanctis fructibus, qui per te, et tuum ordinem undique patrantur per orbem. Et propterea confortare, et gratias redde Deo et sta cum benedictione Dei, et beatus Fran. his auditis remansit valde consolatus. Sic ergo iam dictis patet beatus F. amatorem fuisse abjectorum, et sic vere humilem».

Liber conformitatum, II, 5º, 225r-225v

«1. Cum viveret in hoc miserabili et flebili seculo, b. p. n. Franciscus, illuminatus a Spíritu sancto, sempre studebat totis viribus imitari D. n. Ihesu Christi vestigia. 2. Unde sicut Christus peregrinum dignatus est fieri, ita b. Franciscus se et suum Ordinem vere peregrinum ostendit; et etiam in regula sua scribi fecit, ut *tanquam peregrini et adventi* in hoc seculo Domino Deo servirent. 3. Sicut insuper Christus venit, non solum servire leprosis illos sanando et mundando in corpore, sed etiam pro illis mori voluit sanctificando et mundando in anima: ita b. Franciscus, Christus cupiens conformari, leprosis affectuosissime serviebat. 4. ministrando cibaria, lavando membra putrida, mundando vestimenta et insuper ruendo ferventer in oscula. 5. Ordinavit etiam quod fratres sui Ordinis per diversa mundi loca ob amorem Christi, Qui ut leprosus pro

ser parcioneros de tamaño pecado. Por la qual cosa concertaron de dexar al dicho leproso, porque por aventura no fuesen blasfemadores de Dios e nutridores de vaso del diablo.

Mas esto no lo quisieron hazer fasta que a sant Francisco, que estava en outro lugar çercano, mostrassen todas las cosas por orden, las quales cosas oydas, sant Francisco fue al dicho lugar donde estava el leproso, y entrando a él, dicho: "*Dios te dé paz, hermano muy amado!*", al qual respondió: "Y cuál paz puede ser a mí? Ca Dios me la quitó y me hizo ya señor de los mártires".

E sant Francisco dixo a él: "Hermano, ave paciencia, porque los males que aquí son dados a los cuerpos, a salud del ánima son dados si con paciencia sean sofridos". E él respondió: "Como puedo sofrir pacientemente? Como la mi pena perseveré de día y de noche?, ca no solamente soy atormentado e quemado de la enfermedad, mas aún de los frayles que me diste en servidores espessamente afligido, porque no es ninguno que me sirva assí como conviene".

E sant Francisco, conociendo por espíritu que era atormentado del espíritu maligno fue e rogó por él a Dios muy devotamente.

E fecha la oración tornó a él, diziéndole: "Mucho amado, yo te quiero servir pues que tú no eres contento de los otros". Él qual respondió: "Pláceme, mas que podrás hazer más tú que los otros?"

El santo le dixo: "Yo faré qualquier cosa que tú quisieres". E dixole él: "Quiero que me laves, ca

nobis voluit reputari, ubicumque leprosi essent, illis sollicite deservirent. Fratres in multis locis, sicut s. obedientie filii, hoc promptissime faciebant.

6.

Accidit autem semel quod in quodam loco, ubi serviebatur leprosis, erat quidam leprosus tam pestilens, impatiens et protervus quod nulli dubium erat ipsum per malignum spiritum agitari; sicut enim spiritus Dei agit animam ad cuncta salubria, ita spiritus malignus ad omnia scelera. 7. Nam dictus leprosus sibi servientes, non solum horrendis improperiis imponebat et sagittabat injuriis, sed quod peius est, flagelliis et plagis multimodis vulnerabat. 8. Et insuper hoc, quod erat horrendum et pessimum, Christum benedictum, Matrem eius sanctissimam et sanctuos alios blasfemabat. 9. Unde quamvis de injuriis predictis et plagis fratres illi studerent pro posse patientie meritum cumulare, tamen nullo modo blasfemias ipsorum conscientia poterat substinere, ne tanti sceleris participes viderentur. 10. Quapropter decreverunt dictum leprosum derelinquere, ne forent blasfematoris Dei et vasis diaboli nutritores.

7.

Sed hoc quod decreverant noluerunt facere, nisi prius s. Francisco, Qui in alio loco morabatur, omnia per ordinem indicassent. 12. Quibus auditis, s. Franciscus ad dictum leprosum accessit: et, ingressus ad eum, dixit: "Deus det tibi pacem, fr. carissime!". Cui ille: "Et qualis michi pax est? Immo Deus accepit michi

todo fiedo, en tanto que no me puedo sufrir a mí mesmo”.

Entonces sant Francisco fizo luego escalentar agoa com muchas yervas odoríferas, e despojando aquel leproso, començole a lavar con sus santas manos. E otro frayle echava agoa encima, e assí como el agoa lavava el cuerpo de fuera, assí le limpiava todo de la lepra, assí que tanta consolación sintió dentro en la su ánima que luego, com muy grand compunción, comenzó a llorar muy amargosamente. E assí como el cuerpo era lavado por el agua e alimpiado de la lepra de fuera, assí la consciencia era bautizada e alimpiada por lágrimas de toda su maldad.

E como todo fuesse sano e limpiado de fuera, tanta compunción concibió e tantas lágrimas echó, que perfectamente fue también untado e sano de dentro; llorava e llamava a alta voz diziendo que era digno del infierno por las injurias e llagas hechas a los frayles e por la impaciencia e blasfemia fecha contra Dios e los santos. E bien por quinze días le duró aquel maravilloso llanto, el qual salía de las entrañas del corazón, e continuamente no fazia sinon llorar la misericordia de Dios; con la qual compunción e lágrimas confessó todos sus pecados a un sacerdote.

E sant Francisco, viendo tan espantoso e tamaño miraglo, faziendo gracias a Dios, partióse de allí e fuesse a partidas muy apartadas e remotas, temiendo que si el dicho miraglo fuesse publicado en el pueblo, todos viniessen a él. Lo qual

pacem, quia totus, inquit, sum marcidus”. 13. Et s. Franciscus ait: “Carissime, habe patientiam, quia mala que hic corporibus inferuntur ad anime salutem proveniunt, si equanimiter tollerentur”. 14. Et ille respondit: “Quomodo possum tollerare patienter, cum pena mea die noctuque perseveret? Nam, non solum ab infirmitate comburor et crucior, sed etiam a fratribus, quos michi servitores dedisti, vehementer affligor: quia nullus est qui michi serviat ut oportet”.

15. Sanctus autem Franciscus, cognoscens per Spiritum sanctum quod ille a maligno spiritu vexabatur, ivit et pro ipso devote Dominum exoravit. Et facta oratione, rediit ad infirmum, dicens: “Carissime, ego volo servire tibi ex quo tu non es contentus de aliis”. 16. Et respondit: “Placet michi; sed quid poteris facere plus ceteris?”. Et s. Franciscus ait: “Quicquid cupis, faciam”. Et ille: “Volo, inquit, quod laves me, quia totus feteo, in tantum quod meipsum ferre non valeo”.

17.

17. Sanctus autem Franciscus statim fecit calefieri aquam cum multis odoriferis herbis; et expolians illum, incepit suis sanctibus manibus lavare leprosum; et aliois frater aquam superius infundebat. 18. Et sicut corpus sanabat exterius, ita animam mundabat interius; unde cum leprosus sanari inciperet, statim ex compunctione intima cepit amarissime lacrimari. 19. Et sicut lavabatur corpus aqua et mundabatur lepra, ita baptizatur lacrimis conscientia et mundabatur ab omni iniquitate. 20.

él, por humildad, con todo coraçon evitava, ca estudiava assí como *siervo fiel e sabio* dar la gloria e honor a Dios, e para sí procurar entre los hombres desonrra y escarnio. Mas el dicho leproso, después de avida sanidad e aquella maravillosa compunción, a poco de tiempo enfermó, e bien armado de los ecclesiasticos sacramentos, partióse desta vida.

E el santo varón, orando apartado en la montaña, aparecióle el dicho leproso finado alçado en el ayre más fermoso que el sol, diziéndole: "Reconósceme, Padre?", al qual sant Francisco dixo: "Quien eres tú?" E respondió: "Yo soy aquel leproso, el qual Ihesu Christo bendito, por tus merecimientos sanó, y oy me llamó al Parayso e al su Regno, de lo qual fago gracias a Dios todopoderoso e a tí. E bendicha sea la tu ánima y el tu cuerpo, e bendichas sean las tus palabras e las tus obras, porque por ty son e serán salvas muchas ánimas. E sepas que non es día en que los ángeles e todos los otros santos e santas no den muchas gracias a Dios de los santos frayles que por tu orden a cada parte del mundo son fechos. E por ende esfuérçate e da destas cosas gracias a Dios, e quédate con la bendición de Dios!" A aquestas cosas dichas, desapareció y el santo quedó muy consolado»

Floreto, II, 130, 681- 684.

Cum vero totus esset lotus et sanatus exterius, perfecte fuit unctus et sanatus interius; et ideo in tanta compunctione prorupit et lacrimis, quod altissima voce plorabat 21. et clamabat se dignum inferno propter injurias illatas fratribus et pro plagis et flagellis que fecerat in eosdem et propter impatientiam et blasphemias contra Deum. 22. Unde per quindecim dies duravit sibi planctus ille mirabilis, Qui ab intimis precordis erumpebat, et continue nichil aliud quam misericordiam Dei invocabat. Et cum hac compunctione et lacrimis peccata sua omnia confessus est sacerdoti.

18.

23. Beatus autem Franciscus, videns tam notum miraculum, gratias agens Deo, recessit illinc et ad partes multum remotas accessit, ne, si dictum miraculum fieret notum populo, omnes ad ipsum concurrerent: quod ipse sanctus propter humilitatem toto posse vitabat. 24. Studebat enim, *tanquam fidelis servus et prudens*, Deo gloriam et honorem reddere et sibi inter homines dedecus et ignominiam procurare.

25. Dictus vero leprosus post miraculosam sanitatem et compunctionem prehabitam infirmatus est et, armatus ecclesiasticis sacramentis, post paucos dies finivit in Domino. 26. Sancto vero Francisco in silva quadam orante in loco remoto, apparuit dictus leprosus defunctus, *speciosior sole*, in aere sublevatus, dicens: "Recognoscis me?". 27: Cui s. Franciscus: "Quis, inquit, es tu?". Et ille: "Ego sum, inquit, leprosus quem Christus

benedictus, te promerente, sanavit; et hodie vado ad regnum beatum, de quo Deo et tibi gratias ago. 28. Benedicta sit anima tua et corpus tuum, et benedicta sint verba et opera tua, quia per te multe anime salvantur et salvantur in mundo. 29. Et scias quod non est dies in mundo, in quo omnes sancti angeli et omnes sancti et sancte Deion referant magnas gratias Deo de sanctis fructibus Qui per te et tuum Ordinem undique patrantur per orbem. 30. Et propterea confortare, gratias redde Deo et sta cum benedictione Dei". Et hiis dictis, ille perrexit ad Dominum et s. Franciscus remansit valde consolatus. Ad laudem D. n. Ihesu Christi. Amen».

Actus, 28

Como estaremos de acordo, a lição de *Floreto*-1492 não foi a que teve presente Fr. Marcos para escrever a parte desse capítulo das suas *Chronicas* e em que, como dissemos, dá como fonte sua a compilação peninsular. Se o defendêssemos, teríamos de justificar as razões por que Fr. Marcos não só suprimiu e, em algum caso, traduziu mais resumidamente o texto incunábulo sevilhano, mas também as razões por que Bartolomeu de Pisa apresenta uma lição em que se verificam, quase exactamente, os mesmos processos e os mesmos resultados, ainda que a sua lição coincida – em algum momento, sobretudo no final do capítulo – com a lição do *Floreto*-1492. Ora, como já insinuámos e facilmente se poderá verificar, este reproduz o texto de *Actus b. Francisci* (28), ainda que, é verdade, de um modo perfeitamente exacto em relação ao texto da versão mais vulgarizada, pois, por exemplo, onde *Actus* (28, 12) traz «Et qualis michi pax est? Immo Deus accepit michi pacem, quia totus, inquit, sum marcidus», o *Floreto*-1492 escreve «e qual paz puede ser a mi? Ca Dios me la quitó y me hizo ya señor de los mártires», lição que também não vemos nem no *Liber conformitatum* nem nas *Chronicas*. De resto, o *Floreto*-1492, porque utiliza esse capítulo com o mesmo objectivo da narrativa de *Actus* – mostrar a conformidade de Francisco com Cristo no que se refere à concomitância da cura do corpo com a da alma («illos sanando et mundando in corpore, sed etiam pro illis mori sanctificando et mundando in anima», *Actus*, 28, 3) – conserva o respectivo «prólogo», prólogo este que diverge do que trazem o *Liber conformitatum* e as *Chronicas*, já que estas obras – e é uma

coincidência muito interessante – seleccionaram o episódio como documento da humildade de Francisco. Será, então, o *Liber conformitatum* a fonte da lição de Fr. Marcos?

Aparentemente, assim o diríamos. Com efeito, além de outras pequeníssimas divergências, os dois textos introduzem, como já aludimos, a narrativa com o mesmo «prólogo» – estruturante ou, se preferirmos, determinante do sentido do caso narrado – e coincidem em outros momentos que, por sua vez, significativamente, os afastam de *Actus* e do *Floreto*-1492. Assim, narrando esse caso, o *Liber conformitatum* diz que o leproso «manu propria flagellis, et pugnīs multimodis eos verberabat» e as *Chronicas* que «e as vezes com punhadas, e pancadas os tratava mal», lição que diverge não só nos instrumentos («flagellis et pugnīs» / «punhadas, e pancadas»), mas também no verbo indicador da acção «verberabat» («tratava mal», na exacta lição de Fr. Marcos), frente ao «flagellis et plagis multimodis vulnerabat» de *Actus* (28, 7) que o *Floreto*-1492 traduz, talvez por uma certa *contaminatio* de palavras («plagis»...«vulnerabat»), por «los llagava con palos y otras cosas»... E onde o *Liber conformitatum* põe que S. Francisco, tornado da oração, começa a lavar o leproso «suis propriis manibus» («com suas próprias mãos» nas *Chronicas*), o *Actus* (28, 17) traz «suis sanctibus manibus», tal como o *Floreto*-1492: «con sus santas manos».

Depois, tanto o *Liber conformitatum* como as *Chronicas* coincidem na supressão de um parágrafo que, se o tivessem conhecido, não teriam (provavelmente) suprimido, dado que o seu sentido abunda precisamente a significação estruturante – a humildade de S. Francisco – do exemplo que narram: «Studebat enim, tanquam *fidelis servus et prudens*, Deo gloriam et honorem reddere, et sibi inter homines dedecus et ignominiam procurare» (*Actus*, 28, 24), isto é, segundo a incunábulo sevilhano, «ca estudiava assí como *siervo fiel e sabio* dar la gloria e honor a Dios, e para sí procurar entre los ombres desonrra y escarnio».

Coincidindo com *Actus* (28, 29) – «non est die in mundo, in quo omnes sancti angeli et omnes sancti et sanctae non referant magnas gratias Deo...» – e com o *Floreto*-1492 – «non es día en el que los ángeles e todos los otros santos e santas no dem muchas gracias a Dios...» –, o *Liber conformitatum*, com ligeira variante, traz «non est dies in mundo, in quo sancti angeli, et sancti et sanctae non referant magnam gratiam a Deo...», onde as *Chronicas*, um pouco mais abreviadamente, dizem «não ha dia em que os Anjos e santos de Deos lhe não dem gloria e graças...».

Actus (28, 30) – «E hiis dictis, ille perrexit ad Dominum et s. Franciscus remansit valde consolatus» e o *Floreto*-1492 – «A aquestas cosas dichas, desapareció y el santo quedó mucho consolado» – apontam, se bem que com diferentes termos («perrexit ad Dominum» – «desapareció»), que, depois do defunto leproso ter desaparecido, S. Francisco ficou muito consolado («valde consolatus» – «mucho consolado»), enquanto o *Liber*

conformitatum «beatus Francisci his auditis, remansit valde consolatus», se coincide, parcialmente, com a lição de *Actus* e do *Floreto*-1492 («remansit valde consolatus»), omite, porém, que a consolação de Francisco foi depois do desaparecimento do defunto leproso, circunstância que aponta a lição de Fr. Marcos – «e desapareceo, ficando o padre S. Francisco dando graças a nosso Senhor», omitindo este, por seu turno, uma notação explícita a qualquer consolação, mesmo que o seu «dando graças a nosso Senhor» possa conter, implicitamente, essa consolação.

Como conclusão – e porque, também aqui, estamos a analisar coincidências e divergências textuais explícitas e não coincidências e divergências de sentido implícito – é possível defender que a lição do *Floreto*-1492 coincide com a mais vulgarizada de *Actus* – ou com uma muito próxima desta – e que o *Liber conformitatum* representa uma outra lição, tal como as *Chronicas*.

Há, contudo, uma passagem que merece uma atenção especial. O *Liber conformitatum* aponta que o leproso era «pestilentissimum, impatientem et protervum et certis signis a diabolo agitatum» e as *Chronicas* afirmam que era «impacientissimo, perverso e por certos sinaes visto que o demonio o senhoreava», o que, apesar de tudo, não diz exactamente a mesma coisa. «Pestilentissimum» não é o mesmo que «impacientissimo», ainda que «perverso» possa ser uma tradução de «protervum». Mesmo que se venha a apurar algum dia que, por qualquer motivo, a lição de Fr. Marcos oferece uma outra lição e não uma contaminação ocasional de «impacientissimos» com «pestilentissimum», há que dizer que quer *Actus* (28, 6) – «erat quidam leprosus tam pestilens, impatiens et protervus quod nulli dubium erat ipsum per malignum spiritum agitari» – quer o *Floreto*-1492 – «era um leproso assí ponçoñoso, sañoso e cruel, que non era dubda a alguno ser conmovido por el spírito maligno» – omitem qualquer referência a «certis signis» – «por certos sinaes» que trazem, respectivamente, o *Liber conformitatum* e as *Chronicas*. Um indício mais das aproximações e divergências da lição textual das quatro obras em causa.

De qualquer modo, cremos ser evidente que, apesar de remeter para a compilação peninsular, não foi, como facilmente se conclui, da lição editada em Sevilha em 1492 que Fr. Marcos de Lisboa tomou esse exemplo da humildade de seu pai espiritual. E, dada a não absoluta fiabilidade das remissões de Fr. Marcos nas indicações das fontes de cada capítulo, nada impediria que, apesar de a não referirem para este caso, as *Chronicas* pudessem depender da obra de Bartolomeu de Pisa. No entanto, dando um passo mais, teremos notado que o *Liber conformitatum* indica precisamente que esse «exemplum ponit Legenda antiqua», um título este que nem sempre

identifica a mesma compilação. Com efeito, se, alguma vez, por *Legenda antiqua* se entende a *Compilatio Assisiensis* (ou *Legenda perusina*)⁵², Fr. Lope de Salazar y Salinas, por exemplo, parece identificá-la com o *Speculum perfectionis* ou com uma compilação dele muito próxima⁵³. A *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, quer dizer, a versão portuguesa da *Chronica XXIV generalium*, entende por *Legenda antiqua* o *Memoriale in desiderio animae* (correntemente dito *Vita secunda*) de Tomás de Celano,⁵⁴ identificação que, por sua vez, Fr. Marcos, no elenco das suas fontes da «Primeira parte» das suas *Chronicas*, igualmente aceita ao referir a «Legenda antiga que compos o mestre frey Thomas de Celano, com authoridade e aprovaçam do Capitulo geral». Assim sendo, não será possível defender que Marcos de Lisboa seguiu um «Floreto» que oferecia uma lição textual idêntica ou muito próxima à dessa *Legenda antiqua* em que colheu o *Liber conformitatum* desse mesmo exemplo?

Por outro lado, convirá, agora, anotar um outro dado que poderá ajudar a consolidar a nossa proposta: o cronista português, especialmente no «Livro sexto» da «Primeira parte», insere alguns capítulos que, tomados, segundo indica, do «Floreto», das *Chronicas antigas* e do *Liber conformitatum*, não se encontram, pelo que à primeira dessas fontes diz respeito, no *Floreto*-1492. É o caso de vários capítulos referentes a Fr. Junípero, personagem que, se mal não lemos, não mereceu mais do que uma ligeira referência no texto de 1492⁵⁵, e a Fr. Cristóvão, personagem totalmente ausente do *Floreto* impresso em Sevilha.

Deste modo, quando Marcos de Lisboa conta «De hum jantar que frey Junipero fez aos frades» (*Chronicas*, I, 6, 41, 176r), e de «Como o sancto frey Junipero era temido dos demonios» (*Chronicas*, I, 6, 42, 176v) e ainda «Da oração do sancto frey Junipero e da sua morte» (*Chronicas*, I, 6, 45, 178r) a sua fonte deverá ser, como assinala, o «Floreto» – mas, evidentemente, não o *Floreto*-1492 –, já que as *Chronicas antigas*, para as quais também

52 Marino BIGARONI, Introd. a "Compilatio Assisiensis" dagli Scritti di fra Leone e Compagni su S. Francesco d'Assisi..., Porziuncola, 1992. I-II; Roberto RUSCONI, Dalla "questione francescana" alla storia in VV. AA., Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana, Torino, 1997, 352.

53 José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres letenas... Formosos volumes"..., ed. cit., 19, 67.

54 CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES..., ed. cit., II, 68-69: «Este geral [Fr. João de Parma] mandou por muitas cartas a frey Thomas de Cipriano que acabasse a vida de sam Francisco que he dita lenda Antigua, ca em no primeiro tratado, que fora compilado por mandado do dito geral frey Creçemenço, solamente avia feita memçom de vida e das palavras de sam Francisco e dos milagres nom avia feita memçom, avia-os leixados...»

55 FLORETO DE SANTI FRANCISCO..., ed. cit., 582, em que se apresenta Fr. Junipero como modelo de paciência.

56 CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES..., ed. cit., I, 110-111; 97-98; 114, respectivamente.

remete – e em que, efectivamente, se lêem⁵⁶ –, não lhe forneceram a lição que apresenta. Outro tanto pode dizer-se de uns quantos «Milagres do sancto frey Christovão de graves e diversas infirmitades» (*Chronicas*, I, 6, 104, 181r-182v)⁵⁷.

Há ainda mais alguns capítulos em que, como dissemos, o cronista português aponta como fonte sua o «Floreto» e as *Conformidades* e que, de facto, se podem ler na obra de Bartolomeu de Pisa, mas não no *Floreto*-1492. Assim, o *Juizo que foy revelado de huns frades Menores* [de Inglaterra] (I, 10, 17, 250r) não vem no *Floreto* castelhano, tal como os *Privilegios declarados per o Anjo a S. Francisco* [em o oratório de Santo Urbano] (*Chronicas*, I, 10, 26, 253-254) que se lê no *Liber conformitatum* (I, 9º, 131r), mas ausentes do *Floreto*-1492; finalmente, Fr. Marcos ao recordar o *Aparecimento feito ao P. S. Francisco* (*Chronicas*, I, 10, 34, 257r-257v) remete para o «Floreto» e para as *Conformidades*, mas, curiosamente, tal «aparecimento», evocado a Fr. Leão, que não aparece na edição sevilhana do *Floreto*, também não segue literalmente a lição oferecida pelo *Liber conformitatum* (I, 9º, 130v-131r)⁵⁸, o que é um excelente indício a poder solidificar um pouco mais a nossa proposta. Por outro lado, estes capítulos ausentes do *Floreto*-1492, mas presentes num «Floreto» que também utilizava Fr. Marcos, podem ajudar a perceber algumas das diferenças entre o conteúdo antológico de ambos.

III – Já que nos baseamos em uma selecção de 85 casos todos pertencentes ao Livro I da «Primeira parte» das *Chronicas da ordem dos frades menores* em que narra a vida de S. Francisco, poderíamos ter apresentado mais alguns exemplos de capítulos ou passagens de capítulos dessa «Primeira parte» que, com mais ou menos possibilidades, poderão remeter para um «Floreto» que represente uma lição textual não totalmente coincidente com a que, em 1492, imprimiram Mestre Menardo Ungut e Lançalao Polono. Alguns, como, por exemplo, o episódio de Fr. João, o Simples (I, I, 18), não os discutimos, quer porque Fr. Marcos dá como fonte alguma obra que (ainda) não consultamos, quer devido à sua ampla extensão. Cremos, porém, que os onze exemplos apresentados serão suficientemente ilustrativos desse facto.

Naturalmente – e nunca partimos de outro pressuposto – Fr. Marcos também utilizou – e, talvez, até dele se tenha preferentemente servido ao longo das suas *Chronicas* – o impresso de 1492, como poderia demonstrar a comparação de grande número de capítulos ou passagens de capítulos

57 CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES... ed. cit., I, 313-326.

58 Marcos de Lisboa no capítulo citado refere que S. Francisco ordenou a Fr. Leão que lavasse com água, vinho, óleo e bálsamos a pedra em que esteve sentado Cristo quando lhe apareceu, enquanto as *Conformidades* trazem água, vinho, leite e bálsamo.

em que as lições textuais das *Crónicas* e dessa grande compilação franciscana peninsular – peninsular, porque organizada ou traduzida ou completada na Península Ibérica – são absolutamente coincidentes. Para além de nos poder atestar que durante a primeira metade do século XVI ao lado do impresso sevilhano corriam as versões manuscritas do «Floreto» conhecidas já na primeira metade de Quatrocentos – o que, em si, conleva uma certa normalidade – mas que, por vezes, se esquece –, garantida até por outros domínios literários, da poesia à novela –, essa utilização do manuscrito e do impresso – a ser verdadeira, como sugerimos – poderá igualmente indiciar-nos algo sobre os métodos de trabalho de Fr. Marcos e da sua «equipa» – copistas, ajudantes, tradutores, etc... – de que certamente pôde dispor, para levar a cabo a magna empresa a que, por encargo hierárquico, meteu ombros. Será violento sugerir que a utilização do manuscrito e do impresso derivaram – em parte, se quisermos – das urgências do trabalho? Sabemos muito pouco dos métodos do trabalho «literário» nos tempos modernos, mas podemos entrevê-lo – antes de mais, para o do cronista português, claro! – quando o vemos ler, seleccionar, copiar os volumes das «infinitas» – o termo é de Fr. Marcos – *Chronicas geraes* de Mariano de Florença – assim designa o cronista português o *Fasciculus chronicarum ordinis minorum* – na biblioteca do convento de S. Salvador de Florença. Teremos alguma vez pensado que tal trabalho, realizado à sua vontade – «onde as tive todo o tempo que me foy necessario pera tirar dellas o que compria»⁵⁹, mas durante o breve tempo que andou por Itália e em que leu outras obras que cita – a ampla *Franceschina*, por exemplo –, foi apenas seu?

IV - Por outro lado, também não é possível abordar agora – não temos tempo, mas havemos de ter ocasião – as questões dos modos de utilização do *Floreto de Sant Francisco* nas *Chronicas da ordem dos frades menores*, cujo exame poderia ajudar-nos a perceber como Fr. Marcos leu o *Floreto*-1492 ou o «Floreto»..., já que, historiador e empenhado divulgador de obras de espiritualidade, não o leu, evidentemente, como aquela «santa» Joana «mujer, predicadora, y párroco», ainda sua contemporânea († 1534) – a que dedicou um interessante trabalho a Madre Maria Victoria Triviño – que o lia à letra, donde resultou, alguma vez, pôr em prática impossíveis imitações de gestos de S. Francisco⁶⁰. Independentemente de algumas aparentes

59 Marcos de LISBOA. *Segunda parte das Chronicas da ordem dos frades menores...* ed. cit., «Frey Marcos ao Leitor».

60 María Victoria TRIVIÑO. *Mujer, predicadora y párroco. La Santa Juana (1481-1534)*. Madrid, 1999, traz (53), de acordo com a biógrafa de Juana Vázquez Gutiérrez, que «oyendo esta Santa Virgen leer una lección de un libro llamado Floreto del glorioso Padre san Francisco, cómo había mandado ir a un fraile a predicar desnudo no teniendo pecados, (se dijo) como yo no iré

excepções, Marcos de Lisboa serviu-se da *Legenda Maior* de S. Boaventura – essa *Legenda* que é, antes de mais, um alto tratado de espiritualidade centrado em S. Francisco – como de um amplo e consagrado – e, se quisermos, «oficial» – *canevas* em que vai inscrevendo – para o dizer com propriedade deveríamos dizer bordando – episódios da vida de Francisco de Assis extractados dessa grande compilação peninsular de modo a repor..., a avivar..., ou a completar os que, com alguma avareza, aponta ou simplesmente alude ou até omite Boaventura de Bagnoregio⁶¹. O simples folhear da «Primeira parte» das suas *Chronicas* indica-nos, imediatamente, que a *Legenda Maior*, tirando os poucos capítulos com materiais seus integralmente construídos, funciona – muitas vezes, mas nem sempre – como a introdução ao tema ou aspecto da biografia de Francisco que Marcos de Lisboa quer desenvolver, para logo se empenhar em uma demonstração dessa introdução – esquecendo, algumas vezes, algum exemplo que sobre o assunto apresentava o sétimo ministro geral – , para tal enfiando, um após outro, nem sempre por meio de algum breve comentário, episódios tirados do *Floreto*-1492 ou do «Floreto», isto é, de uma versão em que a obra estava de «outro modo», para o dizer com a expressão com que, como estaremos recordados, Fr. João da Póvoa caracterizava uma versão que conhecia e que não correspondia ao texto do incunábulo sevilhano. Em certo sentido, poderia sugerir-se que o *Floreto* – em qualquer das suas lições e, ao parecer, sempre centrado no *Speculum perfectionis* – parece ter sido lido e funcionado como um repositório de altos *exempla* para ilustrar brilhantemente, completando-a e até redimensionando-a, uma doutrina – a observância da «observância» de Francisco –, com a vantagem de serem realmente históricos. Um processo de «pregação»? Talvez – processo, aliás, que poderá não ter sido alheio ao grande êxito das *Chronicas*, sempre tão utilizadas como leitura de refeitório – e que, por outro lado, teve a vantagem de tornar Francisco um pouco mais «histórico». De qualquer modo, hoje por hoje, parece um acerto do autor das *Chronicas* o ter recorrido ao *Floreto* – e

a confesar-me de los míos y desnudarme de ellos desnuda en carnes, y hiriéndolas con piedra y palo a cada pecado que dijere? Encomiéndome a Dios y a vos, padre san Francisco, y (con) sólo la cuerda señida a mí cuerpo y cuello, quiero ir a confesar como malhechora. Y por tal me pregonaré ante Dios y (ante) mi confesor, fraile de vuestra Orden». A Madre Maria Victória Triviño, O. S. C., chama a atenção para que não deverá confundir-se o relato em causa do *Floreto*-1492 (54) com o de *Florenti* (30). O texto, efectivamente, não se encontra nas *Fontes Franciscani*, mas aparece na *Legenda Vetus* editada por P. Sabatier, segundo aponta Juana María Arcelus Ulibarrena nas fontes desse capítulo do *Floreto*-1492.

⁶¹ Stanislao da CAMPAGNOLA, introd. a *Legenda Maior* in *Fontes Franciscani*, ed. cit., 755-773; Giovanni MICCOLI, *Bonaventura e Francesco* in *Francesco d'Assisi, Realtà e memoria di un'esperienza cristiana*, Torino, 1991, 281-302; Jacques DALARUN, *Da Bonaventura alla malavventura di Francesco d'Assisi* in *La malavventura di Francesco d'Assisi*, Milano, 1996, 151-175, representam, tanto quanto pudemos controlar, os mais sérios pontos de vista sobre estas questões e os seus sentidos.

ter sabido utilizá-lo –, pois permitiu-lhe lançar mão de duas fontes franciscanas importantes – o *De inceptioe ordinis* e, sobretudo, o *Speculum perfectionis*⁶² – para fazer a história da observância por Francisco da *forma vitae* que que inaugurou e a que sempre se manteve fiel. Será violento defender que as *Chronicas* procuram ser a demonstração da validade actual, porque actuante, dessa fidelidade que é a observância e que quis ser a Observância?

Valerá a pena, por tudo isto, voltar, mais alguma vez, a todas estas questões, com a certeza, como ele reconhece, que desde Portugal, por esses anos, com a escassa documentação de que então dispunha, não poderia ter ido muito mais além.

José Adriano de Freitas Carvalho

62 R. MANSELLI, "Nos qui cum eo finimus", *Contributo alla Questione Franciscana*, Roma, 1980, 30-33, e Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue immagini. Momenti della evoluzione della coscienza storica dei frati Minori (secoli XIII-XVI)*, Padova, 1997, 56-92, determinam a importância do *Speculum Perfectionis* no quadro das fontes franciscanas.